



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EDUCAÇÃO FÍSICA EM
REDE NACIONAL – PROEF



MARCELO DE OLIVEIRA

**AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA: POSSIBILIDADES
DE FORA PARA DENTRO**

MARINGÁ – PARANÁ

2023

MARCELO DE OLIVEIRA

**AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA: POSSIBILIDADES
DE FORA PARA DENTRO**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre à Universidade Estadual de Maringá – Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação Física - PROEF sob orientação do Prof. Dr. Antonio Carlos Monteiro de Miranda.

MARINGÁ – PARANÁ

2023

FICHA CATALOGRAFICA
(sempre posicionada no verso da folha de rosto)

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar como a vivência de atividades diversificadas fora do espaço escolar em uma turma de quinto ano do ensino fundamental de uma escola integral no município de Nova Esperança- PR pode contribuir para a formação dos estudantes. A coleta de dados foi realizada com 22 alunos entre 10 e 14 anos de idade de ambos os gêneros. As práticas escolhidas para a pesquisa foram: natação, atletismo, dança, musculação, caminhada/trilha e lutas, conteúdos esses baseados na BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e CREP (Currículo da Rede Estadual Paranaense). Ressaltamos que ao todo foram doze momentos de intervenção seguindo o modelo de duas aulas de cada modalidade. Os dados foram registrados por meio de diários de campo durante todos os encontros. A análise dos dados deu-se por meio das categorias da Análise de Conteúdo de Bardin (2016). Como resultados verificamos que as intervenções que aconteceram fora dos muros da escola proporcionaram aos participantes da pesquisa a vivência de atividades que julgamos complementares e necessárias às práticas realizadas durante as aulas de Educação Física no ambiente escolar, visto a diversidade de ações, contato com novos materiais e espaços distintos para as aulas. Os alunos participantes da pesquisa deram um retorno positivo as experiências vivenciadas, de modo que o envolvimento foi bastante efetivo, com a possibilidade de aprender e dialogar sobre as seis modalidades ofertadas a eles.

Palavras-chave: Educação Física; Ensino Fundamental; Intervenção.

ABSTRACT

This research aimed to analyze how the experience of diversified activities outside the school space in a fifth grade elementary school class of a full-time school in the city of Nova Esperança-PR can contribute to the formation of students. Data collection was carried out with 22 students between 10 and 14 years old of both genders. The practices chosen for the research were: swimming, athletics, dancing, bodybuilding/functional, walking and fights, contents based on the BNCC (National Common Curricular Base) and CREP (Curriculum of the Parana State Network). We emphasize that in all there were twelve moments of intervention following the model of two classes of each modality. Data were recorded through field diaries during all meetings. Data analysis was carried out through the categories of Bardin's Content Analysis (2016). As a result, we found that the interventions that took place outside the school walls provided research participants with the experience of activities that we deem complementary and necessary to the practices carried out during Physical Education classes in the school environment, given the diversity of actions, contact with new materials and different spaces for classes. The students participating in the research gave a positive return on the experiences they had, so that the involvement was quite effective, with the possibility of learning and dialoguing about the six modalities offered to them.

Keywords: Physical Education; Elementary School; Intervention.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	11
2. EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS	16
2.1. AUSÊNCIA E PRESENÇA DE ESPAÇOS FÍSICOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	20
2.2. NA QUADRA E NA SALA DE AULA: O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS AULAS DO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS	24
3. AULAS FORA DA ESCOLA: TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	27
4. ATIVIDADES COM CONTEÚDO DE DENTRO, MAS FORA DA ESCOLA	34
4.1. ATLETISMO	35
4.2. DANÇA	39
4.3. LUTAS	46
4.4. MUSCULAÇÃO.....	51
4.5. NATAÇÃO.....	57
4.6. CAMINHADA/TRILHA.....	62
5. CATEGORIAS DE ANÁLISE	67
5.1. EMPOLGAÇÃO DOS ALUNOS COM OS ESPAÇOS “DIFERENTES”.....	67
5.2. IMPRESSÃO DE NÃO CONSEGUIR REALIZAR UMA ATIVIDADE.....	69
5.3. ENVOLVIMENTO NA REALIZAÇÃO DAS PRÁTICAS CORPORAIS.....	70
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	77
ANEXOS	83

1. INTRODUÇÃO

A função social da escola é formar sujeitos que possam lidar com os desafios sociais, culturais, históricos e políticos. Libâneo (1990) chama a atenção para o aspecto de que a escola é um espaço de Educação formal, servindo como base de aquisição de saberes, pautados em práticas planejadas, sistematizadas e pensadas previamente com o objetivo de contribuir na organização da sociedade e para o processo de ensino e aprendizagem. Sarmiento (2006) acrescenta que a escola é o primeiro pilar da socialização pública das crianças. Para isso, muitas são as disciplinas curriculares que – a partir de suas especificidades – passam a contribuir nesse papel formador. Entre as mais diversas, podemos citar Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Artes, Geografia, História e a Educação Física foco de trabalho dessa dissertação de mestrado.

A disciplina de Educação Física está entre as que os alunos mais gostam de participar, principalmente no Ensino Fundamental anos iniciais e é marcada, geralmente, por aspectos ligados ao esporte e ao movimento do corpo. Isso fica evidente em uma pesquisa realizada por Pereira, Costa e Diniz (2009) com 198 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, em que a ampla maioria afirma gostar da disciplina e de seus conteúdos. Lovisoro (1995) também realizou um estudo – com 703 alunos da rede pública municipal do Rio de Janeiro – em que a maioria dos alunos elencam a Educação Física como a disciplina que mais gostam, seguida de Matemática e Língua Portuguesa.

No entanto, é preciso ressaltar que o leque de conteúdo dessa disciplina vai muito além, é fundamental destacar que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN nº. 9.394/1996) (BRASIL, 1996, art. 26), expõe que a Educação Física, “[...] integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica”. E, mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018, p. 220) aponta que

Ao brincar, dançar, jogar, praticar esportes, ginásticas ou atividades de aventura, para além da ludicidade, os estudantes se apropriam das lógicas intrínsecas (regras, códigos, rituais, sistemáticas de funcionamento, organização, táticas etc.) a essas manifestações, assim como trocam entre si e com a sociedade as representações e os significados que lhes são atribuídos

Assim, a Lei maior que rege a Educação nacional brasileira (LDBEN nº. 9.394/1996) expõe sobre a obrigatoriedade de constar tal disciplina nos currículos oficiais da Educação Básica, o que envolve a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. A BNCC nos apresenta que a Educação Física oferece inúmeras possibilidades para enriquecer a experiência de alunos na Educação Básica e permite acesso a um vasto universo cultural, compreendendo saberes corporais, experiências estéticas, afetivas, lúdicas e agonistas (BRASIL, 2018), e isso vai ao encontro de um dos focos desta pesquisa, que visa o acesso dos estudantes a uma maior variedade de vivências e experiências corporais.

A experiência do autor desta dissertação – como docente da rede municipal de ensino no município de Nova Esperança- PR desde o ano de 2012 – possibilitou o acesso a novos conhecimentos na difícil missão de ser professor. O ingresso ao programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede (PROEF) contribuiu para o aperfeiçoamento na arte de lecionar. Durante uma das primeiras disciplinas (Problemáticas da Educação Física) foi possível o contato com temas que chamaram a atenção pela pluralidade de atividades e possibilidades diferenciadas de trabalho. Um dos principais problemas da Educação Física é o desinteresse do professor, vindo a ocasionar o chamado “rola bola” (DARIDO, SANCHES NETO, 2005), em que os alunos executam determinadas atividades sem objetivos, fazendo por fazer. Faria (2014) destaca que o “rola a bola” nas aulas de Educação Física produz uma nova relação social, fundada no poder, entre os alunos e professores, em que os estudantes passaram a dominar a aula, escolhendo métodos e conteúdos, e conseqüentemente a resistir a qualquer tipo de intervenção pedagógica por parte do docente.

A possibilidade e o desejo de proporcionar diferentes experiências aos estudantes foi algo sempre presente na prática pedagógica do autor desta dissertação, que surgiu e ganhou força no projeto de natação para alunos de quinto ano de escolas municipais integrais do município de Nova Esperança- PR ocorrido entre os anos de 2017 e 2018 por meio de uma parceria entre a Secretaria Municipal de Educação e uma academia que oferece a modalidade. Tal projeto resultou em práticas e ações positivas, surgindo a ideia de fazer algo semelhante como pesquisa de intervenção, aumentando a quantidade de atividades ofertadas e proporcionar vivências fora do ambiente escolar e dos muros da escola.

Neste sentido, a ideia dessa pesquisa surgiu para que alunos da rede municipal de ensino de Nova Esperança-PR pudessem ter novas experiências e vivências

relacionadas à disciplina de Educação Física, incluindo práticas muitas vezes incomuns nas escolas, mas possíveis de acontecerem por meio de parcerias, em espaços específicos e especializados. Destacamos que tais experiências podem ser incluídas em atividades curriculares e extracurriculares, no sentido de ampliar as possibilidades de ações práticas junto aos discentes.

As instalações, espaços e materiais sempre foram um problema quando relacionados à disciplina em questão. No município de Nova Esperança esse cenário não é diferente, muito precisa ser mudado para termos um espaço adequado para as práticas corporais. Nesse sentido, Damazio e Silva (2008) acreditam que as condições materiais (instalações, material didático, espaço físico) nas aulas de Educação Física interferem significativamente nos trabalhos pedagógicos e os esforços dos professores podem fracassar caso não encontrem espaços e condições materiais para concretização de seus planos de trabalho.

As autoras, entendem ainda, que os espaços e as condições disponíveis merecem ser adaptadas, reinventadas e criadas, caso contrário, isto que as pesquisadoras denominam como descaso com a escola pública reflete diretamente no trabalho docente (DAMAZIO; SILVA, 2008). Tokuyochi et al (2008) apontam que a limitação espacial e material transforma o trabalho cotidiano extremamente estressante, frustrante e desanimador. Visto tamanhas dificuldades relacionadas ao espaço físico adequado e materiais em quantidades suficientes para a realização de diversas atividades da disciplina de Educação Física tivemos o interesse em desenvolver uma prática que buscou amenizar, mesmo que temporariamente, tais desagradados.

As escolas municipais em Nova Esperança no que diz respeito a disciplina de Educação Física contam com professores formados e concursados para esta finalidade, e isso faz grande diferença trazendo grandes benefícios para os alunos. Destacamos que quando um docente tem formação específica na área de atuação, a sua prática pedagógica se torna mais adequada, fazendo com que os participantes aprendam de melhor forma o conteúdo, além de que esse profissional pode dominar os instrumentos relacionados ao componente curricular que atua; em uma pesquisa realizada por Meneguetti e Meneguetti (2010), os autores revelam que quando o professor não atua em sua área de formação, os discentes recebem conhecimento aquém do que poderia ser ofertado por um profissional formado na área. Algumas escolas possuem espaços amplos para a prática da atividade física, incluindo pátios,

gramados e quadras esportivas cobertas; outras disponibilizam espaços delimitados e não possuem quadras e lugares suficientes para as atividades práticas que envolvem as aulas. A questão do local pode influenciar nas atividades a serem oferecidas, Souza Lima (1998) defende que a escola não é estacionamento de crianças e o espaço físico ali existente é material riquíssimo e está sendo desprezado em sua totalidade. Um fator que limita as possibilidades do aprendizado na escola é que em seus projetos de construção, muitas vezes, não há a contemplação de bibliotecas, laboratórios e quadras de esportes.

Nesse sentido e diante do incômodo que surge a partir das características de locais muitas vezes não apropriados para a prática das aulas da disciplina de Educação Física, bem como a ausência de materiais que supram as necessidades dos alunos, uma vez que esses, tanto espaço quanto recursos materiais, são elementos necessários para o bom andamento das aulas, surgiu o interesse por essa pesquisa a qual tem como foco proporcionar a vivência de atividades diversificadas fora do espaço escolar.

Socialmente, a presente pesquisa se justifica devido a utilização de espaços públicos (pista de atletismo, jardim botânico e ginásio de esportes) bem como academias privadas para a prática de atividades, onde os participantes da prática pedagógica possam socializar-se e ter consciência da importância das práticas corporais. Vários são os benefícios que as parcerias podem proporcionar, sendo eles as vivências inéditas para parte dos envolvidos, mudanças positivas de comportamentos, aprendizagem de uma nova manifestação corporal e o benefício relacionado à saúde, devido às práticas esportivas, destacamos aqui que a proposta não é tirar ou desvalorizar a prática do contexto escolar, mas sim aumentar a rede e possibilidades de trabalho e vivência corporal dos participantes por meio de parcerias no município. No campo das contribuições científicas, a pesquisa se justifica na importância de complementação de conteúdos trabalhados na disciplina de Educação Física no contexto escolar, aumentando a produção acadêmica sobre o tema e mostrando a importância da produção de conhecimento na área pesquisada, apontando que na Educação Física existem questões que podem ajudar na reflexão da prática/práxis, incluindo experiências para além dos muros da escola, em espaços adequados para a vivência das atividades selecionadas.

Enfatizamos, portanto, que o objetivo geral da pesquisa consiste em analisar como a vivência de atividades diversificadas fora do espaço escolar em uma turma de

quinto ano do ensino fundamental de uma escola integral no município de Nova Esperança- PR pode contribuir para a formação dos estudantes. Citamos, também, os objetivos específicos: I. Diagnosticar a realidade dos estudantes por meio das possíveis vivências anteriores e o conhecimento prévio da turma referente as atividades abordadas; II. Propiciar a prática de atividades corporais e esportivas fora do ambiente escolar visando uma aproximação dos estudantes a modalidades ainda não vivenciadas; III. Problematizar as questões ligadas à prática de atividades corporais e esportivas fora do contexto escolar e os aspectos observados durante a ação interventiva.

A presente dissertação está dividida em seis seções, a fim de dar conta da proposta anunciada, a saber: I. a primeira seção é a introdução do trabalho, lançando olhares sobre a pesquisa de forma geral e mostrando como ela foi desenvolvida; II. a segunda seção é intitulada “Educação Física na escola: Ensino Fundamental anos iniciais” trazendo um panorama acerca da disciplina de Educação Física e as especificidades da etapa do Ensino Fundamental; III – a terceira seção está intitulada “Aulas fora da escola: trajetória metodológica” e tem como função apontar os caminhos metodológicos trilhados ao longo da pesquisa, situando o leitor das escolhas realizadas ao longo do plano de trabalho realizado; IV – a quarta seção está intitulada como “Atividades com o conteúdo de dentro, mas fora da escola” ela discorre acerca das intervenções realizadas, em que são apresentados os encontros de cada modalidade trabalhada: atletismo, dança, natação, lutas, musculação e caminhada/trilha; V– a quinta seção intitulada “Categorias de análise” destaca as principais categorias de análise que emergiram ao longo da pesquisa, que surgiram a partir da repetição e frequência com que apareceram durante os encontros realizados; VI– a sexta e última seção está intitulada “Considerações finais” e apresenta o que se concluiu com base na presente pesquisa. Vale destacar que a maneira com que as discussões são apresentadas aproximam-se dos diários de campo, no entanto, essa escolha foi intencional para não perder detalhes do processo de coleta e imersão do pesquisador na realidade junto as crianças nos diferentes contextos fora da escola.

2. EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS

A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN – Lei nº. 9.394/1999) (BRASIL, 1996), no Brasil, crianças e adolescentes entre 04 e 17 anos de idade devem estar regularmente matriculados na Educação Básica. Essa normativa tem como objetivo garantir o acesso desse grupo ao conhecimento sistematicamente acumulado ao longo dos anos. Junto a isso, vale enfatizar que a Educação brasileira escolar é dividida em: “I - educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio; II - educação superior” (BRASIL, 1996, art. 21). Cada etapa com suas especificidades em relação à faixa etária, conteúdos, organização etc. Atendo-nos ao Ensino Fundamental, essa etapa da Educação Básica é formada pelos Anos Iniciais (1º ao 5º ano) e pelos Anos Finais (6º ao 9º ano). Nesta primeira etapa, as escolas atendem alunos de 06 a 10 anos de idade, de modo que são trabalhados aspectos de alfabetização, letramento, operações matemáticas entre outras. Esse momento da formação é dividido por disciplinas (componentes curriculares) que se dividem entre Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências, Artes, Educação Física. E será sobre esse último componente curricular que vamos discutir a seguir.

Para darmos corpo ao debate aqui proposto, vamos utilizar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017) por ser o documento mais recente que norteia as práticas pedagógicas escolares no Brasil. Esse arquivo tem caráter normativo “[...] que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” esse aspecto tem como objetivo assegurar os direitos dos discentes em relação a “[...] aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE)” (BRASIL, 2017, p. 07). Vale destacar que a BNCC está orientada por “[...] princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN)” (BRASIL, 2017, p. 07). Neste sentido, trata-se de uma normativa direcionada para a formulação dos currículos dos sistemas e das redes escolares que compõem os Estados, o Distrito Federal e os Municípios do nosso país. A BNCC é apresentada de forma didática, possibilitando o

acesso aos aspectos específicos de cada etapa da Educação e também de cada componente curricular. Há uma seção intitulada “Educação Física no Ensino Fundamental – Anos Iniciais: unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades” que auxiliou nas descrições feitas na sequência.

É válido ressaltar que

[...] a Educação Física, aliada aos demais componentes curriculares, assume compromisso claro com a qualificação para a leitura, a produção e a vivência das práticas corporais. Ao mesmo tempo, pode colaborar com os processos de letramento e alfabetização dos alunos, ao criar oportunidades e contextos para ler e produzir textos que focalizem as distintas experiências e vivências nas práticas corporais tematizadas. Para tanto, os professores devem buscar formas de trabalho pedagógico pautadas no diálogo, considerando a impossibilidade de ações uniformes (BRASIL, 2017, p. 224).

Assim, contrariando um tradicional imaginário social, a Educação Física não trabalha apenas com aspectos corporais e esportivos, mas tem grande impacto no desenvolvimento das demais atividades que são realizadas nas escolas, potencializando e auxiliando no aprendizado de outros conhecimentos e disciplinas, como forma de contribuir para uma formação mais ampla. Esse argumento é referendado por Santos, Marcon e Trentin (2012, p. 572) quando avaliam que a inserção da Educação Física na área de linguagens pode contribuir para o seu desenvolvimento nessa perspectiva de ensino, uma vez que essa área privilegia a aquisição e o desenvolvimento “[...] de competências gerais relacionadas à representação, à comunicação, à investigação, à compreensão e à contextualização sociocultural, de modo que os alunos conheçam e saibam usar diferentes linguagens em distintas situações e contextos”. A Educação Física, nos Anos Iniciais, está organizada em Unidades Temáticas, a saber: Brincadeiras e Jogos; Esportes; Ginásticas; Danças; Lutas; e Práticas Corporais de Aventura (BRASIL, 2017). Na sequência, trazemos um quadro que mostra os objetos de conhecimento relacionados a cada unidade temática:

Quadro 01: Objetos de Conhecimento – Educação Física.

Unidades Temáticas	Objetos de Conhecimento	
	1º e 2º anos	3º ao 5º ano
Brincadeiras e Jogos	Brincadeiras e jogos da cultura popular presentes no contexto comunitário e regional	Brincadeiras e jogos populares do Brasil e do mundo Brincadeiras e jogos de matriz indígena e africana
Esportes	Esportes de marca Esportes de precisão	Esportes de campo e taco Esportes de rede/parede Esportes de invasão
Ginásticas	Ginástica geral	Ginástica geral
Danças	Danças do contexto comunitário e regional	Danças do Brasil e do mundo Danças de matriz indígena e africana
Lutas		Lutas do contexto comunitário e regional Lutas de matriz indígena e africana
Práticas Corporais de Aventura		

Fonte: Por Brasil (2017).

O Quadro 01 evidencia os objetos de conhecimento da área da Educação Física, mostrando o detalhamento de cada um deles. Acerca das “Práticas Corporais de Aventura”, o documento o expõe a partir do 6º ano, porém, esta unidade temática será utilizada para este projeto devido à disponibilidade de local, ser uma prática diferenciada para os alunos e por um pedido tanto da direção escolar quanto dos estudantes para que pudessem utilizar o espaço Jardim Botânico municipal, visto que a maioria dos participantes da pesquisa não conhece o local.

Esse conjunto de objetos dá uma dimensão da importância da área da Educação Física para a formação humana. O mesmo documento ainda destaca

A Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo (BRASIL, 2017, p. 213).

Assim é possível afirmar que muitos são os ganhos com as ações da Educação Física na primeira etapa do Ensino Fundamental, articulando atividades acerca da expressão corporal, o movimento, práticas sociais entre outros. É um conjunto de práticas que – quando bem trabalhadas pelos professores – oferece a possibilidade de um desenvolvimento mais saudável aos alunos. A BNCC ainda defende que “[...] a Educação Física oferece uma série de possibilidades para enriquecer a experiência das crianças, jovens e adultos na Educação Básica, permitindo o acesso a um vasto universo cultural” (BRASIL, 2017, p. 213). Esse universo compreende saberes “[...] corporais, experiências estéticas, emotivas, lúdicas e agonistas, que se inscrevem, mas não se restringem, à racionalidade típica dos saberes científicos que, comumente, orienta as práticas pedagógicas na escola” (BRASIL, 2017, p. 213).

Nesse ínterim, apresentamos as competências específicas de Educação Física para o Ensino Fundamental:

Quadro 02: Competências da Educação Física para o Ensino Fundamental.

ORDEM	COMPETÊNCIA
01	Compreender a origem da cultura corporal de movimento e seus vínculos com a organização da vida coletiva e individual.
02	Planejar e empregar estratégias para resolver desafios e aumentar as possibilidades de aprendizagem das práticas corporais , além de se envolver no processo de ampliação do acervo cultural nesse campo.
03	Refletir, criticamente, sobre as relações entre a realização das práticas corporais e os processos de saúde/doença, inclusive no contexto das atividades laborais.
04	Identificar a multiplicidade de padrões de desempenho , saúde, beleza e estética corporal, analisando, criticamente, os modelos disseminados na mídia e discutir posturas consumistas e preconceituosas.
05	Identificar as formas de produção dos preconceitos, compreender seus efeitos e combater posicionamentos discriminatórios em relação às práticas corporais e aos seus participantes.
06	Interpretar e recriar os valores , os sentidos e os significados atribuídos às diferentes práticas corporais, bem como aos sujeitos que delas participam.
07	Reconhecer as práticas corporais como elementos constitutivos da identidade cultural dos povos e grupos.
08	Usufruir das práticas corporais de forma autônoma para potencializar o envolvimento em contextos de lazer, ampliar as redes de sociabilidade e a promoção da saúde.
09	Reconhecer o acesso às práticas corporais como direito do cidadão, propondo e produzindo alternativas para sua realização no contexto comunitário.
10	Experimentar, desfrutar, apreciar e criar diferentes brincadeiras, jogos, danças, ginásticas, esportes, lutas e práticas corporais de aventura, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo .

Fonte: Adaptado de Brasil (2017).

A partir do exposto, vale destacar que o Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREP) dos Anos Iniciais (PARANÁ, 2021) se organiza a partir dos conteúdos elencados na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), de modo que o nosso Estado tem organizado/promulgado documentos oficiais embasados nos documentos superiores.

Essas competências dão uma dimensão da Educação Física, apontando para as características deste componente curricular nas escolas. Todas essas ações – de forma conjunta – contribuem para a formação do sujeito, de maneira a desenvolver práticas corporais, culturais e sociais de acordo com o conhecimento construído em nossa sociedade. Nossa pesquisa apresenta várias aproximações com as competências destacadas no quadro 02, visto a pluralidade de atividades praticadas durante as intervenções em que todos os alunos da turma participam, independentemente de sua condição física ou habilidade, todos aprendem movimentos novos e aperfeiçoam os já conhecidos, socializam-se em novos ambientes e se identificam com as modalidades propostas, compreendendo os objetivos das atividades.

Os participantes ampliam suas vivências das que são oferecidas no ambiente escolar durante a realização das práticas corporais, possibilitando a utilização de espaços e materiais diferentes dos disponíveis nas escolas, são agregados novos valores como o de cuidar de espaços públicos para terem condições de serem utilizados por todos (pista de atletismo, por exemplo) e o zelo pelo material que outras pessoas utilizam, bem como o respeito à regra e a coragem para a realização de novas atividades em locais não frequentados antes.

2.1. AUSÊNCIA E PRESENÇA DE ESPAÇOS FÍSICOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O trabalho com o Ensino Fundamental Anos Iniciais demanda uma organização bastante específica, considerando a faixa etária dos alunos, o mobiliário utilizado, os materiais didáticos disponíveis, o ambiente em que as aulas são realizadas. Esse último aspecto merece grande atenção por parte dos trabalhadores da Educação, sobretudo porque é fundamental um ambiente adequado para a realização de um bom trabalho. A preocupação com o espaço e o investimento nas instituições escolares iniciaram há algum tempo. Podemos citar Anísio Teixeira que, já na primeira metade do século XX, chamava a atenção para a necessidade de investimentos na Educação,

de modo que os objetivos educacionais fossem atingidos. O autor escreveu: “Não há como fazer educação barata – como não se pode ganhar uma guerra barata. Se for nossa defesa que estamos construindo, o seu preço nunca será demasiado caro, pois não há preço para sobrevivência” (TEIXEIRA, 1971, p. 142).

O excerto revela a importância dos investimentos em relação à área educacional, o que inclui os prédios e os seus espaços. Se torna mais difícil e desafiador realizar um bom trabalho na disciplina de Educação Física se não houver um ambiente apropriado. Prandina e Santos (2016) estabelecem que a precariedade de materiais e de infraestrutura para o desenvolvimento das aulas de Educação Física escolar tem sido um dos maiores desafios para a área e gera, como consequência direta, a desmotivação dos alunos em participarem das atividades propostas pelos professores das disciplinas. Ao discutirmos a precariedade de algumas instituições escolares, não é raro nos depararmos com a falta de quadras esportivas nas escolas públicas, presença de pátios arejados e espaçosos, área externa ampla ou, quando existem, encontram-se em alto grau de deterioração, impactando diretamente na forma como os alunos se apropriam e compreendem a importância da Educação Física no projeto de escolarização (CARVALHO; BARCELOS; MARTINS, 2020).

Entendemos que um espaço adequado e materiais específicos para a prática das aulas de Educação Física são aspectos importantes para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças. No entanto, é válida a reflexão de que a ausência de espaços e instrumentos específicos não pode ser um marcador da quebra de qualidade nas atividades da referida disciplina. Não podemos, a partir da falta desses componentes, inferiorizar a prática de Educação Física nas instituições públicas de ensino. Por meio de muitos exemplos, já foi constatado que o professor tem autonomia e capacidade para se reorganizar em relação à sua atuação e as atividades, buscando realizar as práticas que são fundamentais para o desenvolvimento dos alunos.

Souza Lima (1998, p. 31) faz uma dura crítica aos projetos escolares que acabam deixando de lado a construção de espaços específicos para a possibilidade de diversas atividades, incluindo as da Educação Física, quando afirma: “O espaço físico é material riquíssimo e está sendo totalmente desprezado. Nos projetos de construções escolares não há lugar para bibliotecas, laboratórios e quadras de esportes, o que limita as possibilidades de aprendizado”. Nesta mesma direção, Tenório, Tassitano e Lima (2012, p. 312) expressam que a disciplina de Educação Física, assim “[...] como as demais disciplinas, tem uma demanda por espaços e

materiais específicos, dentre eles a quadra/ginásio/pátio para o desenvolvimento dos conteúdos”. Grande parte das atividades deste componente curricular precisa de um ambiente arejado, espaçoso e em boas condições para a realização de suas práticas.

Os autores continuam descrevendo que “[...] A ausência e a pouca qualidade de espaço físico e de instalações para o ensino da Educação Física podem ser compreendidas sob dois aspectos: a não valorização social dessa disciplina e o descaso das autoridades para com a educação destinada às camadas populares” (TENÓRIO; TASSITANO; LIMA, 2012, p. 312). Neste sentido, é fundamental que o poder público volte a atenção para os espaços das instituições escolares, possibilitando ambientes adequados para a realização das aulas, de modo a garantir a segurança de professores e alunos além de que as atividades sejam desenvolvidas de maneira responsável.

Gomes (2019) realizou um estudo em que analisou a estrutura escolar e os materiais presentes em quatro escolas (três públicas e uma privada) do município de Raposa/MA, refletindo acerca do desinteresse dos alunos frente às circunstâncias presentes dentro da escola. Participaram desse estudo – por meio de questionário – quatro professores de Educação Física, quatro gestores de escola e 105 alunos do Ensino Fundamental. O autor destacou que “[...] a disciplina de Educação Física necessita de um espaço específico e igualmente como as demais disciplinas, carece de materiais didáticos para a execução das aulas práticas e teóricas” (GOMES, 2019, p. 49).

Em caráter conclusivo de sua pesquisa, Gomes (2019, p. 49) constatou que “[...] a falta de infraestrutura, manutenção e de materiais interfere na prática pedagógica do professor de Educação Física, gerando a desvalorização e insatisfação dos alunos”. Essa informação é importante para nossa reflexão, sobretudo por considerarmos basilar as condições de materiais e ambientes para as práticas de Educação Física. Um problema que pode ser encontrado por docentes de Educação Física ao longo da sua trajetória de atuação é a necessidade de improvisar as suas aulas, atividades e práticas. Esse improviso pode gerar, com alguma frequência, a perda de qualidade para tais atividades, inclusive – muitas vezes – fazendo com que o professor não atinja seus objetivos e metas escolares.

Por isso é tão necessária adequação dos materiais para a realização das aulas de Educação Física, todos os detalhes precisam ser previamente planejados, com o intuito de potencializar as aulas. Nesta direção, Gomes (2019, p. 50) explicita que a

escola necessita de infraestrutura de qualidade para seus alunos, a partir “[...] da melhoria das condições, pode-se observar uma maior motivação dos alunos, maior participação no âmbito escolar e a promoção da vontade de aprender”.

Carvalho, Barcelos e Martins (2020), em estudo realizado em uma escola pública de Miranorte/TO, revelam que a falta de ambientes adequados para o exercício da disciplina de Educação Física força a improvisação por parte dos professores, “[...] igualmente precária, de outros espaços para a realização das aulas práticas, como forma de mitigar os efeitos oriundos das condições externas: calor e/ou chuva, terreno acidentado etc.”, os autores continuam afirmando que o esforço do professor em propor alternativas para o processo de ensino e aprendizagem da Educação Física “[...] precisa ser valorizado e, ao mesmo tempo, problematizado sob os riscos de naturalização dessa condição inadequada”. Ainda trazemos para a reflexão uma pesquisa realizada por Oliveira, Silva e Neto (2011, p. 08) em que os autores avaliaram as dificuldades de docentes da disciplina de Educação Física em relação ao espaço físico:

Foi possível compreender que os professores de EF sentem dificuldades de desenvolver determinados conteúdos da cultura corporal na escola, tais como, dança, lutas, ginástica, por conta de inexistência de locais e de materiais específicos referentes a essas práticas. Dessa forma, os docentes limitam-se aos conteúdos esportivos, dado aos equipamentos que a escola oferece para essa temática.

O excerto deixa evidente que um local inapropriado para a realização das aulas de Educação Física é bastante prejudicial para o processo de ensino e aprendizagem, no sentido de diminuir a qualidade e as possibilidades de ações na disciplina, sendo assim, percebemos o quão importantes se tornam as parcerias realizadas entre a escola, os agentes públicos e privados do município, contribuindo para que a questão de falta de espaço apropriado e materiais adequados sejam minimizados e proporcionando aos participantes condições melhores para a vivência corporal, sendo uma extensão do que é oferecido na escola, ampliando e gerando novos conhecimentos aos envolvidos. As possibilidades de parcerias se tornam possíveis quando a direção escolar, professores, pais/mães/responsáveis e alunos objetivam os mesmos propósitos, iniciando um planejamento e um levantamento de quais atividades fora da escola seriam possíveis, bem como locais acessíveis e

responsáveis pelos locais, para assim iniciar o processo de parceria, em que todos saem ganhando, principalmente os alunos.

2.2. NA QUADRA E NA SALA DE AULA: O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS AULAS DO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS

Conforme vimos, o Ensino Fundamental faz parte da Educação Básica; e é dividido em duas principais partes: Anos Iniciais (1º ao 5º ano) e Anos Finais (6º ao 9º ano). Nosso foco, aqui, está na primeira etapa, o que corresponde ao atendimento de crianças entre 06 e 10 anos de idade.

Vale destacar que o currículo do referido componente curricular é mutável, não sendo algo fixo. Correia (2016, p. 831) descreve que tanto a própria Educação Física como

[...] as outras áreas do conhecimento humano não dispõem de uma alocação curricular vitalícia. O próprio dinamismo da cultura e da sociedade em produzir e disseminar (desigualmente) informação e conhecimento impede que os currículos, as didáticas e os conteúdos de ensino permaneçam estáticos ou imutáveis.

Neste sentido, é preciso que os docentes se atualizem constantemente em relação às especificidades de suas áreas, para que revisitem outros autores, repensem metodologias, aprendam a utilizar os novos instrumentos. Para que os professores atuem nessa etapa da Educação – assim como em qualquer outra etapa ou modalidade – é fundamental a formação continuada, de modo que os docentes atualizem seus conhecimentos, suas práticas pedagógicas e seus instrumentos de trabalho. Isso se dá, principalmente, porque a nossa sociedade está em constante transformação. Soares (2020, p. 153) expõe que:

[...] os (as) professores (as) precisam tomar consciência da importância e da necessidade da formação para atender às exigências da sociedade atual. Importa ressaltar que a formação é de responsabilidade não apenas individual, mas cabe, sobretudo, às instituições formadoras. É preciso repensar a formação de professores, principalmente quando se configura como ações isoladas, fragmentadas e desarticuladas da prática, que não partem das reais necessidades e dos problemas vivenciados pelos (as) educadores (as) no seu fazer cotidiano.

Isso nos faz defender que a formação de professores é uma ação prática que deve ser de responsabilidade de várias pessoas e segmentos: o próprio docente,

gestores, Secretarias Municipais de Educação, Secretarias Estaduais de Educação, Ministério da Educação entre outros. Todo esse conjunto precisa contribuir nessa formação, a fim de alcançar – cada vez mais – a qualidade no processo de ensino e aprendizagem. Soares (2020, p. 155) ainda discute que em relação à dimensão profissional, a profissão docente “[...] requer uma busca permanente pela formação. Estar num movimento de procura implica ter a consciência de que somos seres incompletos e não podemos parar de aprender, de estudar, de pesquisar, de interrogar e de problematizar a realidade”.

A todo momento, é fundamental que o professor esteja renovando o conhecimento que já construiu, de maneira a articular novos conhecimentos em sua prática pedagógica. Freitas et al (2016, p. 19) descrevem que os seus estudos revelam que os programas de formação continuada “[...] são uma importante ferramenta para melhorar a prática pedagógica dos professores, uma vez que a área sofre com constantes modificações, tornando-se, assim, importantes aliados para a preparação plena dos docentes”. Os autores ainda explicitam que com docentes mais bem preparados para os desafios escolares, “[...] espera-se que estes possam formar alunos também mais preparados para os desafios que irão encontrar em seu caminho” (FREITAS et al., 2016, p,19).

Ainda nas palavras do autor:

[...] a formação continuada, ação relevante na atuação profissional docente, deve ser uma constante na carreira do professor, pois a partir dela os docentes podem refletir e assim modificar sua prática pedagógica, pode ampliar seu repertório teórico além de dinamizar suas práticas. De fato, desenvolver estudos buscando compreender como os docentes se atualizam e buscam a formação deve ser meta de investigações futuras, assim como o entendimento acerca de como os municípios e os estados promovem a formação dos professores de suas redes (FREITAS et al., 2016, p,19).

Fica notório o fato de que uma formação continuada para os professores pode contribuir diretamente na prática pedagógica, possibilitando reflexões acerca das mais variadas áreas de atuação, de maneira que potencializa os conhecimentos e contribui para melhor interação entre discentes e docentes.

Essa visão cuidadosa em relação aos sujeitos do processo de ensino e aprendizagem deve ser considerada em todo o processo formativo do professor de Educação Física: desde a formação inicial até a continuada. Nesse sentido, observar

uma aula de Educação Física em uma escola é possível em alguns ambientes da instituição, de modo que os principais são: I. a sala de aula; II. a quadra esportiva.

No entanto, partindo do princípio que nem todas as escolas possuem a quadra esportiva, o que acontece é a adaptação desses espaços para os pátios ou locais não seguros para as aulas de Educação Física, nos remetendo novamente a pensar sobre a importância de um espaço adequado por meio das parcerias para a prática das atividades nas aulas de Educação Física, o que se aprende na escola, pode ter uma complementação fora dela. Locais públicos e privados podem ser utilizados como uma extensão do ambiente escolar, se tornando ambientes de aprendizado em que os alunos possam usufruir de materiais específicos que muitas vezes não são ofertados no ambiente escolar e participarem de atividades em locais apropriados e seguros para suas práticas.

3. AULAS FORA DA ESCOLA: TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

A presente pesquisa, para que desse conta dos objetivos previamente estipulados, buscou bases teóricas e metodológicas reconhecidas pela comunidade acadêmica. E, para isso, utilizamos de pesquisa de campo de caráter interventivo, com o pressuposto da pesquisa qualitativa e exploratória, uma vez que a pesquisa qualitativa possibilita por meio dos diferentes métodos uma aproximação entre os sujeitos da pesquisa e os pesquisadores. Diante disso, temos que “[...] a principal vantagem da pesquisa a partir do levantamento dos referenciais teóricos e do que já foi produzido reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 2008, p.45). Esse formato nos permitiu fazer buscas em livros, capítulos de livros, manuscritos publicados em periódicos, e tantos outros materiais já publicados acerca do tema em questão. Destacamos que nossa coleta de informações se deu a partir das anotações (obtidas por meio de observação) em diário de bordo. A observação ocorreu de forma não estruturada, por meio de registros cursivos, palavras chaves e falas dos participantes, sendo o diário descritivo.

A pesquisa de campo tem por objetivo conseguir informações e/ou conhecimentos a respeito de um problema, em que se procura uma resposta, consiste na observação de fatos e fenômenos que acontecem de forma espontânea, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se acreditam ser relevantes, para analisá-los (LAKATOS; MARCONI, 2010). Destacamos que a nossa coleta de informações se deu a partir das anotações (obtidas por meio da observação) em diário de bordo, contendo os principais elementos percebidos ao longo das atividades realizadas. Tal pesquisa não deve ser confundida com a simples coleta de dados, pois exige contar com controles adequados e com objetivos preestabelecidos que discriminam suficientemente o que deve ser coletado (FERRARI, 1982). Referente a pesquisa intervenção, para Damiani (2012) a palavra intervenção é utilizada para denominar pesquisas educacionais em que práticas de ensino inovadoras são projetadas com o intuito de maximizar a aprendizagem dos alunos envolvidos, ancoradas em um determinado referencial teórico colocando-o à prova e fazem avançar os conhecimentos a respeito dos processos de ensino e de aprendizagem.

Ainda nessa direção, nos baseamos na análise qualitativa, a qual apresenta algumas características específicas, a saber: a pesquisa qualitativa tem o ambiente

natural como fonte de busca de dados; o pesquisador é o principal instrumento de coleta de dados; os dados obtidos e analisados são, em sua maioria, descritivos; há uma preocupação bastante considerável em relação ao processo; o significado que as pessoas dão aos objetos de pesquisa tem muita relevância (BODGAN; BIKLEN, 1982). Ao longo das atividades realizadas, o pesquisador registrou as várias informações coletadas em um diário de bordo, para que esse conteúdo fosse utilizado na construção desta dissertação. A sistematização da coleta de dados se deu: I. aplicação das atividades pelo pesquisador; II. observação do comportamento e das falas dos alunos participantes; III. registro em diário de bordo para posterior análise.

Especificamente nesta pesquisa, procurando levar os alunos a participarem de experiências fora da escola, a pesquisa foi composta por 22 alunos de quinto ano de uma escola municipal integral do município de Nova Esperança- PR com idade entre 10 e 14 anos, ambos os sexos, sendo 11 meninos e 11 meninas, e para preservar a identidade dos participantes, foi utilizada a nomenclatura em numerais. Salientamos que a amostra foi composta por todos os alunos da turma e que a frequência se deu durante todos os encontros, as ausências se deram apenas em algumas aulas por poucos alunos e não foram identificadas desistências durante a pesquisa. Vale ressaltar que, primeiramente foi realizado um contato entre o mestrando e o secretário municipal de educação e a diretora escolar, para a apresentação de toda a proposta de pesquisa e solicitada a participação de uma turma para o estudo. Prontamente o secretário municipal e a diretora escolar aceitaram a proposta e deferiram a pesquisa no município.

Partindo desta organização documental, foi necessário pensarmos as práticas possíveis para a realização da pesquisa (realidade local). Na sequência, destacamos as modalidades que pudessem ser realizadas fora do ambiente escolar, considerando o ineditismo para a maioria dos alunos e conteúdos que abrangessem uma maior diversidade de vivências apresentadas pela BNCC e CREP. Assim, as práticas escolhidas para a pesquisa foram: natação, atletismo, dança, musculação, luta e caminhada/trilha. Foi realizada uma reunião individual com cada responsável de cada modalidade escolhida para a pesquisa, em que o projeto foi apresentado, discutido e aceito. A parte de intervenção da pesquisa aconteceu em momentos contemplados no cronograma, em que os alunos participantes foram conduzidos até os locais das modalidades para vivenciar a prática.

O transporte foi efetuado via ônibus cedido pela prefeitura do município de Nova Esperança/PR. As modalidades foram ministradas pelos professores e auxiliares de cada complexo esportivo de forma conjunta ao pesquisador. Vale destacar que todas as atividades foram pré-estabelecidas e pensadas pelo pesquisador e em conjunto com os professores de cada modalidade. Além disso, a professora regente da turma acompanhou todos os encontros realizados. Os locais selecionados para tais práticas foram: Academia Ponto 8, para a prática da Natação; Jardim Botânico municipal, para a prática da Caminhada/Trilha; Academia Espaço BS, para as práticas da Musculação e Dança; Pista de Atletismo municipal, para a prática do Atletismo e o ginásio municipal para a prática de Lutas. Ressaltamos que ao todo foram doze momentos de intervenção, seguindo o modelo de duas aulas de cada modalidade e ao final de cada aula, uma aula de *feedback* com a turma para levantamento de impressões a respeito das atividades praticadas. O quadro a seguir mostra as atividades que foram desenvolvidas ao longo da pesquisa:

Quadro 03 - Atividades que foram desenvolvidas durante o processo de intervenção.

MODALIDADE	PRÁTICAS
ATLETISMO	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer a pista de Atletismo; - Breve histórico das modalidades, em um contexto geral; - Prática das provas de 100m rasos, 400m rasos, salto em distância, arremesso de peso, lançamento do dardo.
CAMINHADA	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer o Jardim Botânico de Nova Esperança- PR; - Breve histórico do Jardim Botânico; - Realizar uma caminhada pelo trajeto dentro do Jardim, de 1500m. - Praticar uma trilha em meio às árvores.
DANÇA	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer o espaço na academia destinado às aulas de Dança; - Conhecer movimentos e passos das danças urbanas - Montagem coreográfica.
MUSCULAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer o espaço na academia destinado à prática de Musculação; - Conhecer os aparelhos existentes na academia; - Conhecer na prática, alguns exercícios realizados na Musculação.
ATIVIDADE AQUÁTICA/ NATAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer a piscina de uma academia; - Breve histórico da Natação; - Realizar a prática de contato com o meio líquido na piscina; - Vivência de atividades e brincadeiras aquáticas; - Realizar a iniciação ao Nado Livre.
LUTAS	<ul style="list-style-type: none"> - Breve histórico da Capoeira; - Realizar a prática da Capoeira em uma quadra esportiva; - Vivência de movimentos relacionados à Luta.

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Nenhum tipo de benefício ocorreu aos locais (privados) que participaram da pesquisa, porém, uma possibilidade é a divulgação desses espaços em eventos organizados pela escola e/ou pela prefeitura, bem como agradecimento público por meio dos canais de informação municipal como maneira de contrapartida.

O registro dos dados se deu por meio de diários durante todas as atividades e encontros realizados, para um levantamento dos conteúdos que emergiram a partir do olhar do pesquisador, a análise dos dados baseou-se no referencial de Bardin (2016, p. 19), a qual menciona que a “[...] análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”. Entendemos, portanto, que os documentos oficiais, os textos científicos já publicados sobre o tema em questão e as informações levantadas por meio de anotações, roda de conversas e aula de *feedback* são instrumentos de comunicação, sobretudo porque apresentam aparatos de discurso a serem postos em prática. Destacamos ainda, que durante os encontros, foram realizadas as rodas de conversas, em que alguns apontamentos foram colocados em forma de roteiro e exposto para a turma. Das conversas foram feitas anotações, para a organização das análises do que foi exposto pelos alunos.

Todos os cuidados e medidas de prevenção da Covid-19 foram tomados em conformidade com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária: uso de máscaras cobrindo nariz e boca, distanciamento seguro, aplicação de álcool gel 70% antes e depois do uso e manuseio de qualquer material durante as práticas e utilização de espaços abertos sempre que possível. Destacamos que o pesquisador se encontrava com o plano de imunização completo desde o início das atividades. Vale enfatizar que quando a pesquisa de campo foi realizada, a vacina contra a Covid-19 era aplicada apenas para pessoas maiores de 18 anos, portanto não consideramos a vacinação das crianças a fim de registro nesta dissertação. Referente às anotações, enfatizamos que foi realizado um levantamento sobre as percepções dos participantes quanto às aulas, os diferentes comportamentos e as ações realizadas pelos docentes durante as práticas oferecidas, facilidades e dificuldades encontradas.

Quanto a roda de conversa e *feedback* ao final da aula, alguns pontos norteadores foram frequentemente levantados, a saber: I. Você já havia praticado a modalidade em questão na escola? E fora da escola? II. Quais as maiores dificuldades relacionadas a esta prática? E as facilidades? III. Você tinha conhecimento da existência deste espaço? IV. Conhece alguém que pratica alguma atividade

relacionada ao nosso conteúdo? V. Você gostou dessa prática? Por quê? VI. Conseguiu aprender algum movimento novo com esta prática? VII. Acredita que na escola, essas atividades podem ser realizadas? De que maneira?

É notório que as pesquisas em geral além de serem fundamentais para o avanço das ciências, funcionam como base de conhecimentos para toda uma sociedade, sobretudo quando o pesquisador se inclui como parte do processo, e em nossa pesquisa, tendo contato direto com os alunos participantes. Essa importância se dá devido a tal proximidade, em que o pesquisador colhe informações relevantes para a pesquisa. Nossa pesquisa constituiu em proporcionar vivências fora do ambiente escolar, porém, sempre seguindo conteúdos propostos pelos documentos que regem a Educação no estado do Paraná, sobretudo a disciplina de Educação Física. A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) nos apresenta seis unidades temáticas que norteiam os conteúdos aplicados para as turmas do Ensino Fundamental, são elas: brincadeiras e jogos, esportes, ginásticas, danças, lutas e práticas corporais de aventura (BRASIL, 2018). As atividades propostas nesta pesquisa contemplam todas as unidades temáticas citadas pela BNCC. Segue um quadro referente as unidades temáticas, atividades propostas e datas que ocorreram:

Quadro 04 – Unidades temáticas, atividades propostas ao longo da pesquisa e datas

UNIDADE TEMÁTICA (BNCC)	ATIVIDADES PROPOSTAS NA PESQUISA	DATAS QUE OCORRERAM ANO 2022
Esportes, Brincadeiras e Jogos ¹	Natação	12/04 e 19/04
	Atletismo	28/04 e 10/05
Ginásticas	Musculação	17/05 e 19/05
Danças	Danças	02/06 e 07/06
Lutas	Capoeira	29/06 e 06/07
Práticas corporais de aventura	Caminhada/Trilha	17/11 e 09/12

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Vale ressaltar que a pesquisa realizada não visou substituir as atividades realizadas no ambiente escolar, seja na sala de aula, na quadra ou outro espaço

¹ Unidade Temática adaptada em decorrência das atividades aquáticas serem realizadas tanto na perspectiva da natação (esporte) quanto de adaptação ao meio líquido e alguns jogos e brincadeiras.

interno escolar, mas, sim, contribuir para que os alunos pudessem vivenciar atividades curriculares de forma diferente e em espaços diferentes do ambiente escolar, ou seja, fora dos muros da escola, proporcionando novas experiências e um complemento dos conteúdos trabalhos na escola.

Entendemos a importância das aulas de Educação Física nas escolas ministradas pelo professor da área, porém, também entendemos que novas experiências são válidas para proporcionar aos alunos vivências diferentes das que acontecem em seu cotidiano. Nossas práticas buscaram abranger os mais diferentes espaços, que não são encontrados comumente nas escolas de nosso município, a exemplo: piscina, academia, sala de dança, pista de atletismo, ginásio de esportes e jardim botânico, visando sempre mostrar na prática atividades que muitas vezes os alunos vivenciam apenas por livros, fotos, vídeos e espaços reduzidos.

Defendemos que o espaço físico é fundamental para a realização das práticas da disciplina, de modo que “[...] é no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual se inserem emoções” (HORN, 2004, p. 28). As atividades de intervenção ocorreram conforme disponibilidade dos locais e dos professores/profissionais responsáveis pela modalidade, porém, antes de iniciar outra modalidade, terminávamos a que estava em andamento. Aconteceram duas aulas de intervenção de cada modalidade.

Os encontros foram divididos entre as modalidades, proporcionando uma vivência bastante diversificada, em que os alunos puderam se identificar com uma ou outra modalidade, assim como acontece nas aulas de Educação Física no ambiente escolar.

É perceptível o quanto os alunos gostaram desta experiência de sair da escola para ambientes não comuns às suas rotinas, ambientes que muitos sequer imaginavam frequentar, como, por exemplo, uma academia de musculação e uma piscina semiolímpica. Alguns locais públicos que utilizamos em nossas intervenções muitos dos alunos ainda não conheciam, tais como a pista de atletismo municipal e o ginásio em que se desenvolveu a capoeira. Os participantes da pesquisa relatam que por pouquíssimas vezes aconteceu deles saírem do ambiente escolar em horário de aula para uma atividade diferenciada e que estão adorando estes momentos de aprendizagem.

É válido destacar a importância destes momentos de se ausentar do ambiente escolar para o processo de aprendizagem, visto que os alunos aprendem de forma

diferenciada, por meio de metodologias que, muitas vezes, não são aplicadas na escola (por falta tanto de espaço adequado quanto de materiais). Destacamos, a partir de Betti e Zuliani (2002, p. 77), que é bastante eficaz, para além dos métodos tradicionais de lecionar, o uso de metodologias que oportunizam se ter em vista o plano cognitivo, tais como:

[...] discussões sobre temas da atualidade ligados à cultura corporal de movimento, leitura de textos, dinâmicas de discussão em grupo, matérias de jornais e revistas, uso de vídeo/TV (produções específicas ou gravações de programas da TV), mural de notícias e informações sobre esporte e outras práticas corporais, organização de campeonatos pelos próprios alunos, trabalhos escritos, pesquisas de campo etc.

Junto a esse conjunto de metodologias, recomendamos o uso dos espaços oferecidos na parceria com os órgãos públicos e privados dos municípios, sejam pistas de atletismo, academias, quadras esportivas entre outros. Infelizmente as escolas municipais não são contempladas com espaços que proporcionam o ensino de várias modalidades e esta pesquisa serve de complemento para que os alunos vivenciem as atividades que antes eram trabalhadas apenas “no papel”, sem os materiais específicos das modalidades propostas.

Em relação aos aspectos materiais e o ambiente físico em atividades escolares, defendemos que é um assunto que merece grande atenção, sobretudo na aula de Educação Física por conta de suas especificidades. Sebastião e Freira (2009, p. 02) expõem que:

Na Educação Física, os recursos materiais merecem uma atenção destacada diante das especificidades existentes. As aulas, normalmente realizadas em ambiente aberto como quadras e pátios, estão sujeitas às variações meteorológicas. Essa inconstância, por vezes utilizada para justificar o cancelamento de aulas e atividades, só evidencia a relevância do planejamento ainda mais elaborado, pois nele serão previstas atividades e espaços alternativos, caso haja a impossibilidade da utilização dos meios convencionais, como a quadra.

Lembramos que ao longo da nossa pesquisa/intervenção, os alunos tiveram contato com materiais que não têm na escola, a exemplo de aparelhos de musculação na atividade da academia; aparelhos de peso e disco na atividade de atletismo; espelhos e barras na intervenção de dança; piscina, macarrão e prancha na realização de práticas aquáticas, entre outros, trazendo a realidade da modalidade para os

alunos e complementando as atividades que são realizadas na escola com materiais adaptados.

Por fim, ressalta-se que a pesquisa foi submetida ao comitê de ética por meio do processo CAAE (Certificado de apresentação para Avaliação Ética) nº 53501221.3.0000.0104, obtendo aprovação através do parecer nº 5.257.403.

4. ATIVIDADES COM CONTEÚDO DE DENTRO, MAS FORA DA ESCOLA

Nesta seção são elucidadas e discutidas as intervenções que foram realizadas com os participantes da pesquisa. A apresentação foi feita a partir da narração das atividades efetuadas e, também, a partir de estudos já publicados sobre o assunto. Para uma melhor organização dos conteúdos trabalhados, os encontros foram baseados na BNCC e CREP, contemplando as unidades temáticas a partir das relações com o esporte e sua sistematização, é válido destacar que mesmo não sendo a relação com o esporte o foco principal da pesquisa, entendemos que tal sistematização serve como um norte para a organização dos conteúdos, uma vez que essas práticas corporais tem uma complexidade e uma importância muito maior para a escola do que simplesmente a relação com o esporte. Assumimos a descrição do que são os esportes a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018, p. 215) pela característica de que ele é:

[...] orientado pela comparação de um determinado desempenho entre indivíduos ou grupos (adversários), regido por um conjunto de regras formais, institucionalizadas por organizações (associações, federações e confederações esportivas), as quais definem as normas de disputa e promovem o desenvolvimento das modalidades em todos os níveis de competição

Assim, reforçamos que ao longo deste trabalho, defendemos os esportes como atividades realizadas a partir de regras. O seu significado por ser pensado e repensado de formas diferentes, a partir de quem o realiza. O referido documento expõe que eles “[...] não possuem um único sentido ou somente um significado entre aqueles que o praticam, especialmente quando o esporte é realizado no contexto do lazer, da educação e da saúde. Como toda prática social, o esporte é passível de recriação por quem se envolve com ele” (BRASIL, 2018, p. 215). Diante disso nos próximos itens são elencados os encontros de cada modalidade, demarcando a unidade temática relacionada ao esporte e a descrição de cada encontro, a

apresentação de detalhes, trechos de falas e imagens são usados para aproximar o leitor da experiência do que foi ter/ministrar aulas de Educação Física fora dos muros da escola.

4.1. ESPORTES, JOGOS E BRINCADEIRAS - ATLETISMO

As intervenções de atletismo (modalidade que contempla a unidade temática de esporte apresentada pela BNCC) aconteceram nos dias 28 de abril de 2022 e 10 de maio de 2022, na pista de atletismo municipal de Nova Esperança- PR. As atividades foram aplicadas em parceria com o técnico esportivo responsável pela modalidade, que faz parte do quadro de funcionários da prefeitura e pelo pesquisador.

Destaca-se que “O atletismo é um conteúdo que, na maioria das vezes, é pouco conhecido pelos alunos; essa questão pode estar ligada diretamente a vários fatores, como a estrutura oferecida pelas escolas e a didática aplicada pelos professores” (MARTINS; SALES; LAVORATO, 2020, p. 35). Assim, entendemos a relevância de atividades dessa modalidade, com o intuito de fazer os alunos conhecerem o dimensionamento dela.

Primeiramente, foi realizada uma conversa com os estudantes, repassando informações a respeito do atletismo, destacando algumas provas que existem, o histórico, e as provas que seriam contempladas na intervenção. Os participantes do estudo mencionaram que nas aulas de Educação Física, o atletismo acontece, porém, com materiais adaptados e em espaço não adequado. Na pista de atletismo, eles puderam conhecer e utilizar alguns aparelhos que não possuem na escola, equipamentos profissionais, e dispuseram de espaço adequado para as atividades de corridas longas, arremessos, lançamentos e saltos.

Durante as atividades de intervenção com a modalidade foi possível observar demonstração de falas como da Aluna (01) “Nossa, como é grande aqui dentro, a gente vai ter que correr tudo isso, professor?”. Entre outras manifestações de surpresa dos demais estudantes que nos levaram a perceber que vários alunos estavam encantados e surpresos com o tamanho da pista, uma vez que grande parte deles nunca tinha visitado uma pista de atletismo com dimensões próximas das oficiais.

O esporte atletismo, quando trabalhado na escola, acaba acontecendo por conta da facilidade de adaptação dos materiais e espaço, por exemplo no salto em distância, grande parte das escolas municipais possuem as caixas de areia, já para as provas de velocidade as escolas normalmente utilizam quadras, gramados e

calçadas, já para as provas de arremessos e lançamentos, o peso e dardo são facilmente confeccionados com materiais alternativos.

No que diz respeito ao planejamento de estrutura de aula, pouco se diverge, pois tanto no contexto escolar quanto no treinamento, a sistematização do encontro acabam sendo semelhantes, compondo-se de alongamento, aquecimento, atividade específica e volta a calma. Essa semelhança foi perceptível no momento em que o professor da modalidade iniciou o alongamento com as crianças, os exercícios foram em sua maioria similares aos que são realizados na escola nas aulas de Educação Física, demonstrando assim aproximações de trabalho nas duas situações, porém, a estrutura física muitas vezes se diverge, tornando o espaço específico para a prática de determinada modalidade mais atrativo para seu aprendizado e novas vivências.

Uma das atividades realizadas do atletismo foi a saída baixa para a corrida, vale o destaque feito por uma das alunas (12): “essa atividade (largada do atletismo) a gente nunca fez com a professora de Educação Física”, se referindo à aula na escola, o aluno (22) complementou: “É verdade, a gente nunca fez... quando a gente corre na aula, a gente começa de pé”. Por meio desses destaques, é possível perceber a importância de novas vivências com conteúdos plurais e até mesmo a retomada da técnica, uma vez que na escola, a falta de tempo pode dificultar o trabalho do docente em aprofundar alguns temas² ou até mesmo pela ausência de espaço adequado. Muitas vezes os professores da disciplina acabam repassando aos alunos apenas o básico das modalidades já que alguns elementos contribuem para que essa situação aconteça.

Nesse dia além das saídas, os alunos também tiveram contato com: corrida de 50m, corrida de 350m, salto em distância, arremesso de peso e lançamento do dardo; esses dois últimos exercícios podem ser observados na imagem 01.

Ressaltamos, de acordo com Martins, Sales e Lovorato (2020, p. 36) que o atletismo é considerado importante

[...] para as crianças que estão na vida escolar, uma vez que possibilita o desenvolvimento dos movimentos motores delas, trabalhando os movimentos de salto, arremesso, marchas e corrida, direcionando os movimentos corporais e auxiliando nas qualidades físicas de base, crescimento e desenvolvimento.

² Lembramos que nas instituições escolares o docente de Educação Física dispõe de apenas duas aulas por semana.

Destacamos, ainda, que todas as atividades demonstradas, de alguma forma, já foram realizadas na escola pela professora de Educação Física, no entanto, a vivência na pista serviu como um complemento do que é trabalhado na escola, sendo o conteúdo executado de forma mais detalhada e aprofundada, uma vez que o espaço contribui para isso.

Na sequência, são apresentadas algumas imagens que mostram parte das intervenções realizadas.

Imagem 01 – Registros da prática do atletismo (arremesso de peso e lançamento de dardo).



Fonte: Acervo Próprio (2022).

A imagem 01 apresenta algumas das atividades realizadas durante as intervenções do atletismo: arremesso de peso e lançamento do dardo, bem como ilustra os alunos participantes da pesquisa no dia desta intervenção.

Imagem 02 – Registros da prática do atletismo (salto e corridas).



Fonte: Acervo Próprio (2022).

A imagem 2 apresenta outras atividades realizadas na intervenção do atletismo: salto em distância, corrida de velocidade (50m) e corridas longas (350m).

Por meio das experiências propostas aos estudantes e as reflexões trazidas aqui sobre essa modalidade, destaca-se a importância para o desenvolvimento dos alunos, por se tratar de uma modalidade bastante completa. Agápito (2015, p. 31) reflete que:

Na fase do ensino fundamental as crianças estão se desenvolvendo fisicamente, sendo assim é importante o profissional de educação física trabalhar atividades que estimulem o aperfeiçoamento das habilidades básicas. Inserir o atletismo para essas crianças pode colaborar significativamente no seu desenvolvimento para a prática de outras modalidades esportivas.

Por isso, a partir do atletismo, as crianças podem ter mais facilidades ao ter contato com outros esportes o que facilita o processo de aprendizagem e a otimização das bases das diferentes modalidades que ela pode vivenciar durante sua etapa de formação escolar.

Nesse sentido, o atletismo sendo trabalhado corretamente na escola, pode trazer facilidades e benefícios para os estudantes em outras atividades ligadas ao seu

cotidiano e ao esporte, no entanto cabe ao professor não esquecer que o atletismo possui características, técnicas e conhecimentos específicos que devem ser trabalhados (SILVA; ROCHA, 2016). Logo, o ganho em relação à essa modalidade é geral: para alunos e professores, pois auxilia no desenvolvimento dos estudantes, facilitando a realização de outras atividades.

Com isso, no sentido de proporcionar diferentes experiências para os alunos, é importante que o professor ofereça práticas também fora dos muros da escola. Silva et al (2021, p. 04) destacam que “[...] os professores necessitam superar, ousar e ressignificar na Educação Física Escolar [...] valorizando as diferentes estratégias possíveis dentro e fora da escola”. Assim, com o intuito de dinamizar ainda mais as aulas de Educação Física, os ambientes externos à escola podem ser uma boa referência para essa superação e ressignificação da realidade escolar.

4.2. DANÇA

A primeira intervenção dessa modalidade aconteceu no dia 17 de maio de 2022 com a participação de 17 alunos na academia Espaço BS, localizada no município de Nova Esperança-PR. Esta intervenção contempla a unidade temática de dança apresentada pela BNCC. De acordo com Porpino (2018), historicamente, a dança tem sido uma possibilidade de manifestar o corpóreo, o sensível, o estético e isso não pode se perder nos espaços escolares, proporcionando aos alunos compreenderem a dança como algo abrangente e possibilitador.

No encontro foi discutido com os alunos sobre como a dança acontece nas aulas de Educação Física, muitas vezes não contemplando todos os estudantes e sendo abordada apenas em datas comemorativas. Foi destacado a eles, que naquele contexto das aulas de dança fora da escola, seria importante a participação coletiva e atenção para alguns cuidados necessários em relação aos movimentos, já que possivelmente eles iriam vivenciar práticas corporais diferentes das ofertadas no cotidiano escolar.

É importante destacar que em relação à dança na escola, Rocha e Rodrigues (2007, p. 20) expõem que na perspectiva da diversidade de propostas que caracteriza a atualidade, “[...] seria interessante analisar, de forma crítica e consciente, a dança na escola, sendo esta uma das dimensões da cultura corporal de movimento, representativa em diversos aspectos da vida do homem”.

Na conversa inicial, os alunos expuseram que a escola possui um espaço chamado de sala da dança, onde, no período da tarde, acontece a oficina da modalidade, porém, apenas as meninas participam e os meninos fazem oficina de luta, ou seja, a turma é dividida entre meninos e meninas e cada grupo participa de uma prática diferente. Este espaço dedicado à dança conta com espelho na parede, colchonetes e aparelho de som para utilização durante as práticas.

Essa segregação entre meninos e meninas nas atividades de Educação Física é algo comum e aceito social e culturalmente. Mariano e Altmann (2016) discutem essa segregação, de maneira que a atuação docente influencia bastante para essa divisão entre meninos e meninas nas atividades. Essa divisão, na visão dos autores, acaba por cercear a possibilidade de os alunos participarem de atividades diversas, e isso precisa ser superado em nossas escolas.

Esse aspecto segregador não é algo positivo, de modo que acaba por estigmatizar a atividade de dança como se fosse uma prática apenas de meninas, excluindo os meninos. Assim, defendemos que é fundamental um trabalho de conscientização nas escolas, de modo que a atividade seja proporcionada a todos os alunos, independente do gênero.

Os estudantes participantes da nossa intervenção também informaram que nas aulas de Educação Física a dança está presente e todos os alunos participam, de modo que a atividade principal de dança (enquanto conteúdo da disciplina) são as danças da festa junina que acontecem na escola todos os anos, mas a professora de Educação Física também aborda outras danças, a saber: cantigas de roda, brincadeiras cantadas, folclore, danças típicas brasileiras, hip-hop, funk e outras.

A principal fala entre os meninos da turma é a de que eles não gostam de atividades que envolvam a dança e alguns ainda têm o pensamento de que ela é apenas para meninas, nessa situação foi sinalizado a eles que a modalidade é uma manifestação artística que todos podem e devem participar, mesmo quem tem limitações de movimentos. Esse posicionamento vem ao encontro dos autores Mariano e Altmann (2016) que defendem a não segregação dos estudantes entre meninos e meninas.

No momento de discussão sobre as aulas de dança foi possível observar dois tipos de posicionamento com relação ao interesse pelas práticas corporais de dança de um lado o aluno (10) destacou: “professor, eu não gosto de dançar”, Por outro lado, a aluna (2) disse: “ah! Eu acho muito legal a aula de dança”, se referindo a oficina que

as alunas participam na escola. Foi explicado que mesmo tendo opiniões divergentes com relação a prática todos poderiam participar e depois teriam um momento de conversa a respeito de como foi essa experiência com a dança fora da escola.

Ao entrarem na sala de dança da academia, foi possível presenciar discursos como o levantado pelo aluno (7) que disse: “Nossa! Que espelho grandão” e a aluna (1) complementou: “na escola tem um espelho na parede, mas não é tão grande assim”. Percebemos por meio das manifestações que a maioria dos alunos ficaram surpresos com o tamanho da sala e espelhos nas paredes, visto que a dimensão era maior que o espaço de dança da escola. Na imagem 03 podemos observar os alunos realizando as atividades propostas na aula de Dança.

Imagem 03: Registros da prática de Dança. Em evidência alunos e espelho da sala.



Fonte: Acervo próprio (2022).

A prática foi iniciada com o aquecimento, os alunos espalhados pela sala sobre uma marcação no chão para delimitar o espaço de cada um. A professora à frente da turma demonstrou os movimentos, os alunos repetindo-os e o pesquisador pôde auxiliar e corrigir os movimentos dos alunos que tinham dificuldades. O aquecimento aconteceu ao som da música *Counting Stars – One Republic*³. Após o aquecimento, a professora explicou aos alunos que ao final das duas vivências, a proposta era de

³ Essa música foi composta por Ryan Tedder e produzida pelas gravadoras Mosley e Interscope.

eles apresentarem uma coreografia com uma música completa, com passos e movimentos. Foi passado aos estudantes alguns elementos corporais, tais como: perna cruzada, movimento de braço, giros e saltos, que seriam realizados durante a prática, primeiro a professora explicou verbalmente, depois demonstrou e por fim a execução foi feita pelos participantes da pesquisa.

Foi destacado aos alunos que a realização de movimentos diversos contribuem para o desenvolvimento de habilidades corporais. Anjos e Ferraro (2018, p. 343) destacam em sua pesquisa, realizada com 85 crianças matriculadas no 1º ano do ensino fundamental de duas escolas da zona sul de São Paulo (SP), que “[...] o desenvolvimento motor das crianças que participaram das aulas de dança educativa foi, na média, nove meses maior do que o das crianças que não participaram das aulas”. Esse estudo nos permite avaliar a contribuição da dança para o desenvolvimento de crianças, isso sem considerar os outros aspectos que a prática também proporciona.

Imagem 04: Atividade de Dança com movimentos diversos.



Fonte: Acervo Próprio (2022).

Durante o encontro a professora explicou aos alunos que uma coreografia nada mais é que a junção de diferentes passos, envolvendo o compasso da música que é a contagem para iniciar e terminar determinado movimento. A música utilizada para esta atividade (atrelar movimento do corpo e música) foi a *Bom Bom Pow- The Black*

*Eyed Peas*⁴. Assim que ouviu a música citada, a aluna (6) disse: “Essa música a gente já dançou lá na escola”, se referindo à oficina de dança que as alunas participam.

A outra atividade realizada foi em grupo, sendo dois grupos de 5 alunos e um com 7. A professora primeiro demonstrava os movimentos e os alunos reproduziam algumas vezes sem utilizar música; posterior a isso, os movimentos foram feitos utilizando a mesma música da atividade anterior, nesta ação, cada grupo fazia os movimentos criados por eles ao sinal da professora, ao final foi formada a coreografia quando os três grupos se juntaram. Para o processo de montagem da coreografia coletiva a professora demonstrava o exercício e os alunos repetiam, isso foi feito primeiro em pequenos grupos e depois com o grupo todo.

Depois de algumas repetições sem o direcionamento da professora na coreografia formada pelos alunos, ela detectou muita dificuldade devido a ausência do comando. Assim ela repetiu mais 3 vezes a coreografia com sua instrução e após isso, com música, eles conseguiram realizar a coreografia montada até o momento, sem muitas dificuldades. Ao final da atividade o aluno (13) comentou: “Caramba, eu achei que não ia conseguir dançar” e a aluna (17) disse para a professora: “Professora, foi muito legal a aula, foi mais legal que a aula na escola”, fazendo uma comparação entre a oficina de dança na escola e a aula na academia.

Um estudo feito por Sousa; Hunger e Caramaschi (2014) destacou que os professores tanto de Artes quanto Educação Física consideram importantes as aulas de dança na escola, no entanto é preciso lutar contra as dificuldades relacionadas as condições materiais, dificuldades de ensino/aprendizagem e o preconceito das pessoas as suas próprias restrições para que assim torne-se possível a inclusão e manutenção dessa prática como conteúdo escolar e não apenas no contra-turno ou atividades festivas.

Defendemos que, cada vez mais, essa modalidade ganhe espaço nas aulas de Educação Física, de modo a proporcionar aos alunos o conhecimento sobre essa manifestação. As ações realizadas fora da escola podem auxiliar para que mais crianças tenham acesso à dança, é possível que as instituições escolares firmem parcerias com espaços específicos para esse efeito, de modo que os alunos sempre têm a ganhar com essas aproximações. Como observado durante as intervenções, as crianças se encantam com as atividades fora da escola, por conhecerem um espaço

⁴ Essa música foi composta por Allan Pineda Lindo, Jaime Gomez, Stacy Ann Ferguson, William James Adams e produzida pela gravadora Fudge Records.

diferente e por conta da possibilidade de vivenciar práticas que espaços específicos proporcionam.

Ao retornarem para a sala de aula na escola, foi feito um *feedback*, segundo os relatos todos gostaram muito da prática, inclusive os meninos que estavam com um pouco de vergonha quando chegaram na academia. Ao serem perguntados sobre a oficina de dança e a prática na academia, o que teria em comum, as meninas responderam em unanimidade que nos dois espaços têm o espelho e a caixa de som, porém, na academia o espelho é bem maior e possui um *notebook* além da caixa de som e o espaço é maior que a sala destinada para a dança na escola. Ao final, a aluna (5) disse: “Achei a aula bem legal” e a aluna (12) complementou: “Queria ter mais aulas dessa de dança, mas só vamos ter duas”. As falas dos alunos mostram o desejo deles em participar de aulas fora da escola, como possibilidade de conhecer tais práticas.

No dia 19 de maio de 2022 foi realizada a segunda intervenção da modalidade de dança, no mesmo espaço que a antes. A prática foi iniciada com o alongamento e aquecimento, ao som da música *Shakira - Chantaje ft. Maluma*⁵. Após o alongamento e aquecimento, iniciamos os passos e movimentos que foram criados na aula anterior da música *Bom Bom Pow- The Black Eyed Peas*, de modo que primeiramente a professora demonstrou aos alunos os movimentos e neste momento a aluna (1) disse: “Ah! Eu lembro como que é” e o aluno (8) comentou: “Ixe, eu já esqueci a metade da dança”.

Conforme a professora ia demonstrando os passos, os alunos lembravam da coreografia. Pelo fato de que nesta intervenção participaram alunos que não estavam na aula anterior, a professora responsável repassou os movimentos por quatro vezes, para que todos os alunos chegassem ao mesmo nível e continuassem a coreografia, que estava a metade pronta. Inicialmente os movimentos foram repassados sem música (4 vezes) e depois com música (mais 3 vezes), e todos conseguiram realizar satisfatoriamente os movimentos.

Foi perceptível que as meninas conseguiam executar os movimentos com maior facilidade do que a maioria dos meninos, e isso se dá muito provavelmente devido as aulas da oficina de dança que as elas participam na escola. Social e

⁵ Essa música foi composta por Shakira, Maluma, Joel Antonio López Castro, Kevin Maurício Jiménez Londoño e Bryan Snaider Lezcana Chaverra; e produzida pela gravadora Ace Entertainment.

culturalmente, as atividades de dança são percebidas como uma atividade feminina. Em pesquisa com alunos de uma escola estadual no Rio Grande do Sul, Andreoli e Canelhas (2019, p. 07) enfatizam que:

[...] Devido à dança ser muito vinculada a um ideal de feminino, ou seja, a uma representação hegemônica de gênero, as lições sobre feminilidade aprendidas em aulas de dança, por exemplo, muitas vezes são as mesmas que as meninas aprendem em outros lugares: ser silenciosa, obediente, graciosa e bonita.

Posto isso, destaca-se que, a partir dos estudos de Andreoli (2011), a dança é social e culturalmente considerada uma atividade com traços femininos, além de ser suspeita para os corpos masculinos. Isso se dá por conta das normas de gênero que nossa sociedade impõe cotidianamente, segregando meninas e meninos, e estabelecendo padrões de comportamento para os gêneros.

Dando continuidade, a professora implementou alguns movimentos diferentes dos que haviam sido propostos até o momento, incluindo giros com agachamento, saltos e bater palmas. A professora demonstrou os movimentos que seriam executados, os alunos executaram sem a música e após algumas repetições, passaram a fazer a coreografia com a música. A aluna (18) disse: “Nossa, eu faltei na aula passada, mas estou conseguindo fazer a dança”. Visivelmente foi possível acompanhar a evolução dos movimentos realizados pelos alunos.

Com a coreografia bem encaminhada, os alunos conseguiram realizar todos os movimentos com música. Ao final todos os alunos aplaudiram o trabalho bem realizado por eles mesmos. O aluno (16) complementou: “Eu achei que a gente não ia conseguir terminar a dança, mas ficou massa”.

Para finalizar a intervenção, os alunos se sentaram para um *feedback* junto a professora da modalidade, em que puderam expor quais foram as dificuldades encontradas durante a aula e o que eles tiveram que fazer para conseguir realizar o que estava sendo proposto. Esse momento foi bem importante para eles refletirem como muitas vezes precisam achar saídas para problemas ou dificuldades que surgem no momento das aulas.

Foi dito a eles sobre a importância do treinamento e das repetições para conseguir realizar um movimento com uma melhor execução, em que quanto mais se treina, melhor o movimento fica e isso não acontece apenas na dança, mas sim em todas as práticas corporais.

Ao final, a professora comentou que a turma foi excelente nas duas aulas, tanto em comportamento quanto em dedicação, e devido a isso conseguiram criar uma coreografia completa em apenas dois dias, e que isso foi um feito incrível. A professora sugeriu que os alunos socializassem a dança com os demais alunos da escola, o que foi acatado por todos. Ao término da intervenção, a aluna (1) disse: “Nossa, professor, a gente podia ter mais aulas de dança, foi muito legal. Só duas é muito pouco”. Com isso, chamamos a atenção para o aspecto da necessidade de que a modalidade de Dança seja inserida, também, no Projeto Político-Pedagógico da escola, conforme apontam Sousa, Hunger e Caramaschi (2014, p. 506):

Ao considerarmos que a inserção da dança no âmbito educacional poderia ser mais efetiva caso estivesse inserido no PPP da escola, entendemos que este documento é o plano global da instituição. Por isso, ao construí-lo coletivamente durante o planejamento escolar, toda a equipe gestora (direção, coordenação, professores, pais, alunos, etc.) discutirá, refletirá e decidirá as formas de organização escolar pedagógica.

Por meio da explanação dos autores, compreendemos que é fundamental que a modalidade de Dança seja inserida nos documentos internos das instituições escolares, a fim de garantir o acesso dos alunos a esse conhecimento, auxiliando no seu desenvolvimento físico e intelectual.

4.3. LUTAS - CAPOEIRA

No dia 29 de junho de 2022 aconteceu a primeira aula de intervenção da modalidade de lutas (capoeira) no ginásio de esportes municipal em Nova Esperança-PR. Participaram da prática 17 alunos. De início foi falado a respeito da modalidade, uma vez que não é sinônimo de briga, e sim uma categoria esportiva. Foi dito que a capoeira é brasileira e mistura dança, música e artes marciais. Esta intervenção contempla a unidade temática de lutas apresentada pela BNCC.

Foi salientado que a modalidade deve ser trabalhada pelos docentes de Educação Física. Ferreira (2006, p. 37) discute que “Como meio de se atingir os objetivos gerais da Educação Física, utiliza-se a prática das lutas, sem, contudo, deixar de incentivar os esportes com bola, as ginásticas, o atletismo, a dança, os jogos e as brincadeiras”.

A intervenção foi conduzida por um professor convidado, o qual participou de forma voluntária, que não possui vínculo com o município, como recurso mecânico foi

utilizado o tatame. O docente explanou sobre a capoeira, que é uma expressão corporal e cultural, seu desenvolvimento e descoberta se deu pelos escravizados no Brasil e era usada como uma maneira de defesa pessoal. Ao longo do diálogo foi comentado a respeito da importância do treinamento para o aprimoramento das técnicas utilizadas, devido a isso os escravizados “camuflavam” o treino desta modalidade era realizando uma roda envolvendo a dança, música, expressão corporal e os movimentos de artes marciais. Os principais movimentos são: agachamento, chute, gestos com as mãos, saltos e cambalhotas. Após as explicações foi realizado o aquecimento com duas brincadeiras que já eram conhecidas pelos alunos: “pega-pega” e “morador”. Foram realizadas algumas atividades práticas no tatame e movimentos relacionados à capoeira. Os alunos realizaram os movimentos de cambalhota, estrelinha, movimento de chute, movimento de gingado, gingado seguido de agachamento e movimentos de saltos que eram demonstrados pelo colaborador e pesquisador e em seguida os discentes realizavam.

A cada série de realização, os movimentos eram feitos cada vez melhor. Nesta etapa os movimentos foram realizados de forma individualmente pelos participantes. Quando se encerrou este momento, o aluno (9) disse: “eu achava que ia ser mais difícil fazer capoeira”, demonstrando que conseguiu realizar todos os movimentos propostos pelo professor. E a aluna (17) complementou: “Não é difícil não, só a cambalhota que eu acho que fiz errado”, no entanto, foi dito a ela que não foi errado, mas falta treino para conseguir realizar com mais facilidade o movimento. Essas perspectivas são bastante compreensíveis no sentido de que tais dificuldades se apresentam por conta da falta de contato com a modalidade. Sobre esse pouco contato com esta modalidade, Nascimento e Almeida (2007, p. 92) escrevem que no espaço de intervenção escolar, “[...] podemos afirmar que o tema/conteúdo de lutas é pouco acessado e, inclusive, o seu trato pedagógico suscita questionamentos e preocupações diversas por parte dos profissionais atuantes na Educação Física”. Assim, é preciso uma mobilização do corpo escolar no sentido de rever esse distanciamento com essa prática.

Imagem 05: Atividade de Luta, exercício individual.



Fonte: Acervo Próprio (2022).

Depois da realização dos movimentos individuais, foi realizada uma atividade em dupla, em cima do tatame, um de frente para o outro, enquanto um integrante realizava a ação de chute, o outro integrante realizava de agachar. Os alunos foram acompanhados de perto, auxiliando os que apresentavam maiores dificuldades na execução da dinâmica. Neste momento, a aluna (19) disse: “caramba, no começo eu fiquei perdida, não sabia qual movimento fazer, depois vai ficando mais fácil”; foi dito a ela que este é o princípio, a repetição, que quanto mais vivenciar, mais “fácil” será para realizar e que isso acontece em todas as modalidades esportivas. O discente (16) disse: “muito legal essa atividade da luta, treina nossa agilidade” demonstrando ter gostado da atividade de trocas rápidas de comando.

É de comum acordo que as atividades da Educação Física auxiliam no desenvolvimento do ser humano, portanto, suas ações devem ser usadas como prática pedagógica. Ferreira (2006, p. 37) acentua que as habilidades desta modalidade devem servir como instrumento de auxílio pedagógico ao profissional de Educação Física, pelo fato de que “[...] o ato de lutar deve ser incluído dentro do contexto histórico-sócio-cultural do homem, já que o ser humano luta, desde a pré-história, pela sua sobrevivência”.

Ao término da intervenção, os participantes retornaram para a escola, local em que foi realizada uma roda de conversa com o intuito de termos um *feedback* da aula. A aluna (19) disse: “Nossa, professor, eu nunca pensei que uma menina pudesse realizar esse tipo de atividade”. O aluno (15) disse: “Eu gostei muito da atividade, é diferente de todas as atividades que a gente realiza nas aulas de Educação Física”.

No dia 06 de julho de 2022 aconteceu a segunda aula de intervenção da modalidade no ginásio de esportes municipal. Participaram 19 alunos. Ao chegarmos no local da prática, o professor responsável pela modalidade conversou com os discentes, lembrando as praxes realizadas anteriormente, atividade de aquecimento, movimentos da capoeira incluindo o salto, rolamento, agachamento, ginga e entre outras. Após lembrarem a aula anterior, iniciou a execução do aquecimento “pega-pega”.

Em seguida os alunos foram dispostos em fila indiana para a realização dos mesmos movimentos que foram realizados na aula anterior, para lembrarem e aperfeiçoarem os que já conseguiam desempenhar sozinhos. Primeiro, o professor solicitou que executassem uma dinâmica de vontade deles no tatame, mas que havia sido praticada na intervenção anterior. Alguns saltaram, outros rolaram, a ginga, a estrelinha, o agachamento ou movimentos combinados, como a estrelinha seguido do rolamento. Durante a execução, quem demonstrava dificuldade recebia auxílio, cada aluno efetivou a ação por 4 a 6 vezes.

Enquanto a atividade acontecia, a aluna (2) disse: “a estrelinha e a cambalhota a gente já fez na aula na escola”, se referindo ao conteúdo de ginástica realizado nas aulas de Educação Física. O aluno (21) comentou: “na aula passada eu não consegui fazer a estrelinha e hoje eu consegui”, com isso, comentamos sobre a importância da repetição e vivência, que quanto mais treinar melhor fica o movimento e não pode desistir na primeira tentativa que falhar.

Esse posicionamento crítico dos alunos em relação à avaliação do seu desempenho nas atividades é algo que pode ser construído a partir da modalidade. Nascimento e Almeida (2007, p. 93) explicam que: “Compreende-se que o trato pedagógico do componente lutas na Educação Física escolar deva comportar necessariamente aspectos da autonomia, criticidade, emancipação e a construção de conhecimentos significativos”. Com isso, entendemos que os conteúdos relativos podem auxiliar no desenvolvimento de capacidades basilares para o desenvolvimento humano.

Seguindo, os alunos se puseram sentados em volta do tatame e o professor iniciou a atividade de ritmo com palmas, o docente demonstrava e os participantes da pesquisa realizavam os movimentos no ritmo definido, foi explicado que ritmo e música fazem parte da capoeira e juntamente às mobilidades a deixa completa. Em seguida, em duplas, realizavam atividades no tatame e os demais, movimentos de

ritmo por meio das palmas. Os discentes a cada momento trocavam de pares e de tarefas, faziam três movimentos seguidos e alternados. Antes de finalizar esta atividade, a aluna (12) comentou: “eu achei que era mais difícil fazer luta, mas eu consegui fazer sim”.

Vale enfatizar que o treino é necessário para todas as atividades que envolvem o corpo humano. Além disso, os movimentos realizados nas atividades servem para modificar a realidade dos alunos. Carvalho (2003, p. 56) destaca que é imprescindível que o professor de Educação Física “[...] acredite que o conjunto de posturas e movimentos corporais é constituído de valores representativos de uma determinada sociedade, portanto, atuar no corpo, implica atuar na sociedade, na qual este corpo está inserido”. Isso mostra a importância da atuação da disciplina em questão junto aos alunos da Educação Básica.

Imagem 06: Intervenção de Luta – explicação das atividades a serem realizadas.



Fonte: Acervo Próprio (2022).

Antes do término da intervenção, o professor responsável comentou sobre a importância de um profissional qualificado e um local adequado para as práticas corporais das lutas, disse que essa aula aconteceu sem o uso de materiais, apenas o uso do tatame o que torna uma possibilidade bastante simples de acontecer na escola, sobretudo com o acompanhamento do professor de Educação Física.

Agradecemos o profissional pelo apoio e ajuda neste projeto e foi dito que tal intervenção foi importante para os alunos, visto que, mesmo que tenham alguma vivência de luta nas aulas de Educação Física e/ou na oficina de luta ofertada pelo município na escola, esta vivência fora da escola é uma experiência única para nossos participantes da pesquisa. As falas expostas pelos discentes participantes – destacadas ao longo das discussões – nos dão a dimensão da grandiosidade das atividades fora da escola, ao conhecerem novos ambientes, demonstraram, por exemplo, maior empolgação para a participação das tarefas.

4.4. GINÁSTICAS - MUSCULAÇÃO

No dia 02 de junho de 2022 aconteceu a primeira aula da modalidade na academia Espaço BS em Nova Esperança-PR. Esta intervenção contempla a unidade temática de ginástica apresentada pela BNCC. Participaram 19 alunos. Foi questionado a eles se a musculação já havia sido trabalhada no ambiente escolar na disciplina de Educação Física e os participantes disseram que não, que nunca havia sido abordada.

Perguntados se algum dos alunos já entraram em uma academia, nenhum se manifestou positivamente. Questionados se algum aluno já havia realizado algum tipo de atividade em alguma A.T.I. (academia da terceira idade) do município, 16 disseram já conhecer esse tipo de academia e ter feito alguma realização nestes espaços. Sobre a questão de para que serve a musculação, as mais citadas respostas foram: “ficar forte” e “ficar bonito”. A partir dessa introdução, passamos algumas informações dos principais objetivos, que nem sempre o foco é força e beleza, e sim melhoria da saúde e condicionamento físico, evitando assim muitas doenças e melhorando a qualidade de vida dos praticantes, e aumentar a força ou até mesmo o termo “bonito” como usado por eles é uma consequência da prática.

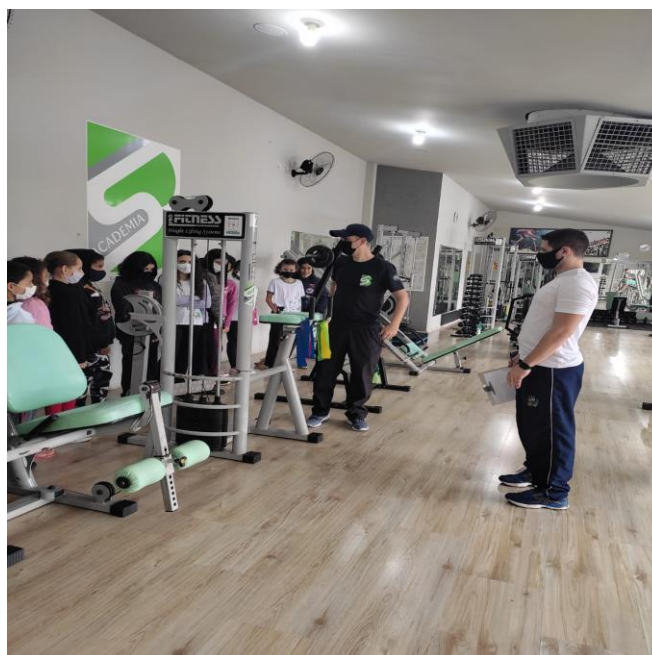
O professor da modalidade nos acompanhou neste dia, juntamente com a estagiária auxiliar da turma. De início o docente falou brevemente a respeito da musculação, que é uma atividade física bastante recomendada para melhoria da saúde das pessoas, que não tem contraindicação, mas sim planos de treinos diferenciados para cada praticante.

Macedo et al (2014, p. 16) expressam que a musculação é um tipo de exercício físico “[...] desenvolvido predominantemente por meio de exercícios analíticos, utilizando resistências progressivas fornecidas por materiais tais como: halteres,

barras, anilhas, o próprio corpo e/ou segmentos, etc.”. Esses equipamentos têm a funcionalidade de contribuir no preparo físico, auxiliando na perspectiva de melhora da saúde das pessoas.

A princípio, os aparelhos da academia foram apresentados, explanando dos grupos musculares trabalhados e o nome dos equipamentos. Foram apresentados alguns objetos que são utilizados durante um treinamento, sendo eles: as barras, anilhas, halteres, presilhas, colchonetes e bancos, sendo de tamanhos e pesos diferentes, objeto de segurança e objeto de auxílio, foi exposto sobre a importância de estar acompanhado de um profissional durante os exercícios e também a responsabilidade que os alunos deveriam ter enquanto estivessem no espaço da prática para evitarem acidentes, conforme pode ser observado na imagem 07.

Imagem 07: Intervenção de Musculação – conhecendo os aparelhos.



Fonte: Acervo Próprio (2022).

Ao longo da intervenção foram demonstrados aparelhos que trabalham os grupos musculares. Começamos pelos equipamentos das pernas, com algumas das máquinas disponíveis: *Leg Press*, gaiola de agachamento, máquina do glúteo, extensora, aparelho de adutora e abductora e a flexora. Conforme o professor explicava a realização do movimento e o nome da musculatura trabalhada, íamos mostrando aos alunos o local do corpo que estava tal músculo e como executava o movimento. No momento em que demonstramos a prática de um exercício no *Leg press*, a aluna (1) disse: “Nossa professor, parece que dói”, se referindo ao peso utilizado no

exercício, e respondemos que se executado utilizando pouco peso, não teria problema com dor, mas que sim, após o exercício dói um pouco mas é suportável. Essa percepção expressa pela aluna pode – e deve – ser um tema para trabalhar nas aulas de Educação Física. Esse assunto foi estudado por pesquisadores como, por exemplo, Foschini, Prestes e Charro (2007, p. 102) que expõem que essa dor muscular é “[...] como uma sensação de desconforto na musculatura esquelética que ocorre algumas horas após o exercício físico, com determinada sobrecarga a qual não se está acostumado a realizar”.

Explicamos para a turma a importância de uma avaliação individual antes de iniciar um treinamento de academia, mas que nosso objetivo seria uma atividade lúdica, visando a realização de um exercício físico leve. Em seguida, o professor apresentou os aparelhos relacionados aos músculos do braço: bíceps e tríceps, utilizando corda e barrinha. Durante a demonstração da execução de tríceps na corda, o aluno (8) comentou: “Esse parece fácil”, e o participante (13) completou: “Se colocar 20 quilos aí não é fácil”, então o profissional responsável disse que quanto mais peso colocar, mais difícil é a realização do movimento.

Na sequência, foram demonstrados os aparelhos de exercício do peitoral, sendo o supino reto, supino inclinado e supino declinado, em que cada um trabalha parte dos músculos do peito. Sobre as ativações para as costas, o professor demonstrou a remada cavalo (que os alunos riram um monte do nome), puxador, remo e *graviton*. A respeito dos direcionados à musculatura dos ombros, tivemos o desenvolvimento, elevação lateral e frontal com auxílio dos halteres. Finalizamos com demonstração dos equipamentos utilizados para atividades aeróbicas que são: Elíptico ou simulador de caminhada, esteiras e bicicletas (horizontal e vertical). Os alunos ficaram encantados com as esteiras e muitos deles nunca tinham visto uma de perto.

Esse encantamento dos alunos revela que geralmente eles não têm acesso a espaços, instalações e instrumentos diferenciado durante as aulas no ambiente escolar. Mais uma vez observamos que os espaços físicos e os materiais podem fazer a diferença na prática da Educação Física. Autores como Damazio e Silva (2008, p. 195) expressam que “[...] diante da realidade observada, apontamos para a questão do espaço físico e das instalações como fatores que podem comprometer de modo significativo o trabalho pedagógico da Educação Física”.

Após a demonstração de todos os aparelhos e explicações, os alunos puderam realizar alguns exercícios de menor complexidade e pesos bastante reduzidos para evitar uma possível lesão. Essa ação foi bastante lúdica, em que os participantes da pesquisa puderam vivenciar movimentos de uma prática inédita para eles. Vale ressaltar que os alunos foram acompanhados e instruídos por nós e por mais uma professora da academia, para que os movimentos fossem executados de maneira correta e sem perigo.

Imagem 08: Intervenção de Musculação – crianças realizando exercícios.



Fonte: Acervo Próprio (2022).

A todo momento, enfatizamos os aspectos da qualidade de vida quando há a realização de exercícios físicos. Sobre isso, Macedo et al (2014, p. 19) enfatizam que “A musculação possibilita a aquisição da saúde quando praticada de forma adequada e contínua”. Em se tratando mais especificamente de musculação para crianças, Oliveira, Lopes e Rizzo (2003, p. 94) destacam que o treinamento de força muscular “[...] pode ser desenvolvido em crianças e adolescentes desde que o programa seja organizado e sistematizado para contribuir no desenvolvimento harmonioso dos movimentos e da parte estrutural de cada indivíduo”.

Ainda vale apontarmos que, conforme os autores, “Deve-se ter muito cuidado na execução dos movimentos e na sobrecarga utilizada para cada exercício proposto, devendo a criança ser assistida por profissionais capacitados” (OLIVEIRA; LOPES; RISSO, 2003, p. 94).

Com isso, todos os alunos realizaram a vivência de diferentes exercícios e puderam perceber quais foram mais difíceis e os mais fáceis. Enquanto fazia o exercício de *leg press*, sem peso no aparelho, o aluno (15) disse: “Professor, eu achei que fosse mais difícil esse”, se referindo ao exercício. Já a aluna (11) enquanto realizava o desenvolvimento com halteres de 2 quilos cada, disse: “Nossa, com esse tá fácil, mas se pegar o maior não dá pra fazer”. Após as vivências nos aparelhos da academia, a discente (1) com um enorme sorriso no rosto disse: “Professor, eu aguentei levantar 10 quilos” se referindo a um halter deste peso que ela conseguiu levantar do chão, e de imediato, o participante (6) complementou: “e eu consegui puxar 30 quilos”, se referindo ao exercício do puxador.

Foi visível o encantamento da turma com a academia. Ao retornar à escola, perguntamos qual exercício eles acharam mais difícil de realizar e a maioria dos alunos respondeu que foram os exercícios do *leg press* e do *graviton*. Sobre qual foi o mais fácil, a resposta foi unânime referente às esteiras e bicicletas. Questionamos os alunos sobre como poderia ser trabalhado o conteúdo de musculação na escola e quais materiais poderiam ser utilizados e as respostas foram de que poderia ser proposto na aula de Educação Física pela professora da disciplina e os materiais serem os bancos do refeitório, cabos de vassoura, sacos e garrafas com areia, cordas e uma bicicleta comum.

No dia 07 de junho de 2022 aconteceu a segunda intervenção da modalidade. Participaram 17 alunos. Devido na primeira aula não ter dado tempo de todos experimentarem os aparelhos disponíveis na academia, resolvemos que neste segundo momento realizaríamos a parte prática dos exercícios, para os envolvidos poderem experimentar uma maior quantidade de exercícios e atividades durante o tempo em que estivéssemos naquele local.

Os alunos foram orientados a não utilizarem nenhum aparelho sem a nossa supervisão, e também informamos que não manuseassem anilhas e halteres sem que um professor estivesse próximo e observando.

Dividimos os alunos nos aparelhos, para que tudo fosse organizado e pudessem realizar as atividades ao mesmo tempo. Alguns dos aparelhos utilizados foram: esteiras, bicicletas, bancos para exercício de desenvolvimento com halteres, *leg press*, *graviton*, puxador, remo, adutora, abductora, flexora, entre outros. Antes de começarem a realização da prática, organizamos os materiais e os equipamentos, sempre com o mínimo de peso para que se acostumassem com o exercício e a carga

foi aumentada conforme o aluno conseguisse realizar com a carga inicial, sempre com um dos professores orientando e corrigindo os movimentos realizados.

Enquanto a aula fluía, nós – professores e estagiária – passávamos por todos para auxiliar quem estava com dificuldade e aumentarmos as cargas para os alunos que estavam realizando o exercício com certa facilidade com o peso pré-determinado e também demonstrando no aparelho os movimentos a serem realizados. Depois de fazer a atividade na esteira, a aluna (20) disse: “eu quase escorreguei na esteira na hora que fui sair”. Isso demonstra a falta de contato com o aparelho e a necessidade de acompanhamento de um profissional na realização dos exercícios.

Reforçamos os dizeres sobre a necessidade de acompanhamento de profissionais da Educação Física na realização da musculação. Filho et al (2019, p 815) salientam a função e importância do acompanhamento profissional durante a realização do treinamento na musculação “[...] visando à obtenção dos objetivos individuais do praticante, na medida em que o mesmo tenha uma prática mais segura, minimizando assim o risco da ocorrência de lesões”.

A aluna (18) disse: “Muito legal a gente fazer todos esses exercícios, que bom que o professor está nos proporcionando essa aula diferente”. Essa fala vem expor que atividades diversificadas na Educação Física podem contribuir para o melhor aproveitamento desse componente curricular. Isso também foi constatado na pesquisa realizada por Massambani (2020) quando destaca que ao ouvir os alunos e utilizar metodologias diferenciadas, os estudantes passaram a participar com maior empolgação em suas aulas, aproveitando melhor as atividades. Isso também fez com que os resultados fossem alcançados de melhor forma, a partir da dedicação massiva dos discentes.

Assim, a parte prática foi finalizada após os alunos realizarem a vivência em todos os aparelhos selecionados para a aula. Já na escola, fizemos uma roda de conversa, onde os participantes da pesquisa demonstraram ter gostado da prática de musculação, o que nos surpreendeu, pois imaginávamos que seria a modalidade que os discentes menos apreciariam, por serem movimentos repetitivos e monótonos. Os exercícios e aparelhos citados como de melhor aceitação: esteira, bicicleta e *leg press*. Antes de sairmos da sala de aula, o aluno (15) disse: “nossa professor, parece que eu tô mais forte” mostrando o braço e músculo do bíceps. E a aluna (2) disse: “professor, a gente podia ter mais aula de musculação, foi muito legal”. Disse que em uma próxima oportunidade realizaríamos mais vivências como estas.

4.5. ESPORTES, JOGOS E BRINCADEIRAS - NATAÇÃO

A intervenção de atividades aquáticas, realizada nos dias 12 e 19 de abril do ano de 2022, aconteceu na academia Ponto 8. Esta intervenção contempla tanto a unidade temática de esporte quanto de jogos e brincadeiras apresentadas pela BNCC, devido as atividades realizadas demonstrarem aspectos das duas unidades, contendo atividades técnicas e brincadeiras livres e dirigidas.

Antes da prática, realizamos a parte teórica, discutindo com os alunos informações históricas a respeito da modalidade e benefícios de suas práticas, porém, os alunos relataram que algumas dessas informações já haviam sido trabalhadas nas aulas de Educação Física com a professora da disciplina, mas a parte prática deste conteúdo não havia acontecido pelo fato de a escola não dispor de espaço adequado, eis que percebemos a importância das parcerias feitas para essa intervenção acontecer, visando ampliação de conteúdos a serem trabalhados.

A parte prática das atividades aquáticas contemplaram tanto o esporte natação quanto jogos e brincadeiras no meio líquido. Referente ao esporte as atividades foram de pernada do nado *crawl*, mergulho e braçada com auxílio da prancha, já os jogos e brincadeiras a realização da atividade de adaptação ao meio líquido, caça ao tesouro e atividade com bolas.

Fiori et al (2019, p. 13) destacam que “[...] é importante perceber as forças que atuam no meio aquático e, com isso, desenvolver estratégias autônomas para relacionar-se com o ambiente aquático em diferentes situações”. Assim, as atividades práticas envolvendo a piscina serviram de mostruário para que os alunos pudessem perceber a função das atividades ali desenvolvidas, sobretudo no sentido de criar autonomia para a realização de práticas aquáticas.

Foi notória a admiração e espanto por parte dos alunos assim que chegaram no local da piscina, muitos deles nunca haviam tido contato com tamanha estrutura. O aluno (15) comentou: “Nossa! Como essa piscina é gigante!”, a aluna (18) disse: “Eu nunca entrei em uma piscina desse tamanho, professor, estou com medo”. Na primeira intervenção, alguns estavam com medo devido ao tamanho da piscina, medo esse que com o andamento da aula foi diluindo e dando espaço para diversão.

Foi perceptível o progresso no desenvolvimento das atividades, devido o pouco tempo de aula, foram realizadas praticamente as mesmas atividades nos dois encontros da modalidade e de uma aula para a outra, percebemos que a evolução foi muito grande, ainda mais se tratando de uma atividade que nenhum dos alunos

havam realizado anteriormente. O principal objeto da intervenção foi de os alunos aprenderem sobre a modalidade se divertindo, objetivo este alcançado. Todas as atividades foram lecionadas pelo pesquisador autor da presente dissertação e acompanhadas por uma estagiária.

A prática do primeiro encontro consistiu em adaptação ao meio líquido, visto que muitos dos alunos estavam com medo e/ou nunca haviam entrado em uma piscina daquele tamanho, a piscina tem 1m10cm de profundidade, portanto nenhum aluno ficaria submerso ou encoberto pela água, o que diminuiu o risco de afogamento. A primeira atividade dentro da água foi de andar pela piscina, quem estivesse com medo ou inseguro poderia segurar na barra lateral. Durante essa atividade, a aluna (18) disse novamente que estava com medo, foi dado suporte a ela, até ela se certificar que não havia perigo e se acostumar com o meio líquido. A segunda atividade foi de andar pela piscina, porém, com a cabeça submersa, para também adaptação ao meio líquido submerso, vários alunos sentiram dificuldade, a aluna (11) disse: “Professor Marcelo, eu não vou afundar a cabeça, porque estou com muito medo” então foi orientado que utilizassem a barra para apoio, sendo uma mão segurando a barra e a outra tampando o nariz no momento de submergir.

Sobre o medo em atividades aquáticas, Chaves et al (2015, p. 881) expõem que ele é uma das emoções “[...] mais estudadas por ser uma emoção cognitivo-reativa, associada aos mecanismos de sobrevivência, e no caso da aprendizagem da natação pode gerar bloqueio ou atrasos na evolução do aluno, levando até ao abandono em algumas situações”. Esse medo precisa ter trabalhado ao longo das atividades que envolvem a adaptação ao meio líquido, de maneira que os alunos consigam ir se percebendo em um ambiente diferente e que precisa de cuidados básicos. Esse trabalho deve sempre priorizar o aspecto de as crianças vencerem seus medos, realizando as atividades de natação.

Já de volta à escola, em uma roda de conversa para um *feedback*, o pesquisador fez algumas perguntas direcionadas aos alunos e obteve algumas respostas, a exemplo: 6 alunos disseram ter sentido medo ao entrar na piscina, 7 alunos informaram que nunca haviam entrado em uma piscina deste porte. Isso mostra a importância e a necessidade destas práticas fora dos muros da escola, proporcionando novas vivências aos estudantes e a realização de atividades que, se não fosse esta pesquisa possivelmente não as iriam realizar. Dos 22 alunos participantes desta aula, apenas 1 possui, em casa, uma piscina de cimento e 10

alunos responderam que tem ou já tiveram piscina de plástico com capacidade de 1000 litros, e 5 alunos comentaram que em algum momento da vida realizaram aulas de natação. E isto deixa evidente o acesso minoritário desta turma referente a esta prática.

Sobre a modalidade nas aulas de Educação Física na escola, os alunos disseram que os professores da disciplina citam a natação como esporte olímpico e apresentam poucas informações e a questão da prática é nula, devido a escola não ter um espaço próprio para tal. As vivências na escola de atividades com água se deram em festividade do dia das crianças e não teve a ver especificamente com o conteúdo de práticas corporais em meio líquido, citada pela BNCC. Ficou evidenciado que os alunos gostaram muito da prática.

Na segunda data reservada para a intervenção, foi apresentado um vídeo para os alunos sobre a natação contendo os estilos, algumas regras, surgimento, nomes de atletas de alto nível do Brasil e do Mundo e os benefícios da prática da natação. Após o vídeo, juntamente com os alunos, refletimos sobre os benefícios da modalidade. Já na segunda vivência na piscina foram observados relatos como: “olha, o Bruno parece que está flutuando na água” aluno (4), foi dito a ele que essa é a intenção da atividade, bater as pernas para que durante o nado a pessoa pareça flutuar na água. Outro destaque para esse encontro foi o dito pela aluna (2) “Professor, nem na aula passada e nem nessa aula eu estou conseguindo fazer a pernada”, então com o auxílio do pesquisador e utilizando a prancha a aluna evoluiu bastante no movimento, abrindo um enorme sorriso ao final da atividade. Ao realizar o movimento de mergulho, a aluna (18), que na aula passada estava com muito medo de entrar na piscina disse: “Olha, professor, hoje eu não estou com tanto medo e consegui fazer o mergulho”.

Ficou evidente a evolução dos alunos da primeira para a segunda aula de intervenção e isso nos faz refletir sobre a importância da progressão dos encontros e realização de atividades em ambientes específicos e equipados. Vale destacar que durante as duas aulas de intervenção os participantes se divertiram bastante, e este era um dos objetivos, visto que duas aulas não são o suficiente para aprenderem a nadar, por isso, o objetivo das aulas foi adaptação ao meio líquido e atividades recreativas. Na modalidade de natação foi possível atingir os objetivos propostos e os alunos gostaram bastante. Os pais e responsáveis foram muito participativos, nos

quesitos de organização das roupas para as aulas, toalhas, chinelos e cumprir o horário estipulado para as práticas.

Com isso, se torna importante dialogar sobre os benefícios da natação, sobretudo com crianças. Melo et al (2020, p. 62512) expõem que a natação funciona como uma excelente atividade motora, “[...] na qual a criança experimenta de uma forma natural e espontânea, uma motricidade aquática dinâmica, essencial a sua evolução, em seu progresso”. Com a prática regular de atividades de natação, é possível acompanhar melhoras no desenvolvimento muscular, lateralidade, orientação, espacial, coordenação motora ampla entre outras.

Na sequência, elencamos algumas imagens acerca da prática de atividades de Natação.

Imagem 09 – Registros da realização da prática de natação.



Fonte: Acervo Próprio (2022).

A imagem 09 apresenta as atividades da natação/atividades aquáticas, sendo a parte teórica na sala de aula, o transporte de ônibus para a academia e atividade prática na piscina. Vale destacar que as toucas de natação foram adquiridas pelo pesquisador, a fim de garantir a prática da intervenção. Com isso, é fundamental que os municípios tenham políticas públicas para garantir a prática de atividades como essa aos alunos, de modo que os equipamentos precisam ser adquiridos pelo poder público sobretudo quando se trata de alunos de escola pública.

Imagem 10: Registros da prática de natação.



Fonte: Acervo Próprio (2022).

Podemos observar algumas das atividades práticas realizadas na piscina: com uso de prancha, brincadeira do caça ao tesouro, pernada na água com auxílio e atividade de pernada fora da piscina.

Dessa forma, a partir da prática e literatura especializada, é possível afirmar que a Natação oferece inúmeros bons resultados para crianças que a praticam. Como exemplo, revisitamos os estudos realizados por Correia et al (2019) que fizeram uma busca em quatro bases de dados (*Web of Science, Sport Discus, Science Direct e Pubmed*) analisando os benefícios da Natação em crianças e adolescentes. Como resultados, os autores ressaltaram que a prática de natação proporciona efeitos benéficos “[...] fisiológicos, biomecânicos e psicológicos além de maior autoeficácia, qualidade do sono e sociabilização em crianças e adolescentes” (CORREIA et al, 2019, p. 17).

Com isso, apesar da dificuldade da realização de atividades de Natação nas instituições de ensino, é importante que os docentes façam parcerias com academias, por exemplo, para proporcionar a prática da Natação aos alunos, de modo a buscar a

melhoria do condicionamento físico, melhora da saúde em geral e, também, proporcionar vivências dessa prática corporal.

4.6. PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA - CAMINHADA/TRILHA

No dia 17 de novembro de 2022 aconteceu a primeira aula da modalidade no Jardim Botânico municipal em Nova Esperança-PR. Participaram 20 alunos. Esta intervenção contempla a unidade temática de práticas corporais de aventura apresentada pela BNCC. Foi discorrido aos discentes que realizaríamos uma caminhada de 1,5km, onde deveriam respeitar o local, não pisar nas plantas e não se desviarem do trajeto.

Explicamos o percurso a ser feito, que é demarcado por *pavers* (peças pré-fabricadas em concreto com diferentes medidas), teríamos partes de subidas, descidas e todos iriam juntos ao mesmo ritmo. Conversamos da importância da realização de atividade física, sobretudo de exercícios aeróbicos para as diferentes idades, e que a caminhada é um exercício de baixo impacto e traz vantagens para a saúde.

Cabe enfatizar que esta modalidade é uma atividade que proporciona bem-estar para seus adeptos, inclusive a prevenção de doenças. Weiss et al. (2012, p. 48) enfatizam: “A caminhada é entendida como algo benéfico, sendo de muita importância a sua realização para alguns tratamentos contra doenças, pelos seus variados benefícios”. Com isso, é fundamental informar sempre aos alunos acerca dessas benfeitorias que contribuem para uma melhor qualidade de vida, além de incentivá-los para sua realização.

Antes de iniciar a parte prática, o funcionário (que nos acompanhou durante todos os momentos) do Jardim Botânico comentou que o local é considerado como tal por ter mais de mil espécies de plantas e árvores, e para receber essa denominação precisa ter ao menos 600 espécies. Realizamos um alongamento e fomos para a caminhada. Vários alunos nunca haviam estado naquele local, era visível o espanto por parte de muitos, devido a beleza e quantidade de árvores diferentes ao longo do caminho. Nossa ação aconteceu em aproximadamente 25 minutos, o servidor do Jardim nos acompanhou durante o percurso mostrando algumas espécies de árvores e pássaros aos participantes da pesquisa e comentou sobre o ar puro que respiramos naquele local, livre de impurezas e fumaças produzidas pela zona urbana da cidade.

Imagem 11: Intervenção de Caminhada/Trilha – crianças realizando o percurso.



Fonte: Acervo Próprio (2022)

Durante o percurso, o aluno (9) comentou: “Que diferente fazermos essa caminhada aqui no Jardim Botânico. É bem melhor do que na escola e na rua”. Aqui trazemos os escritos de Bento e Ribeiro (2010, p. 192) que expressam:

A prática de atividades na natureza pela Educação Física apresenta-se como um recurso de grande relevância, sendo a caminhada em trilhas ecológicas apenas uma das possibilidades de trabalho educativo, propiciando um momento de atividade física e contato com a natureza, aproximando o aluno do meio ambiente e permitindo, através dessa atitude, o nascimento de novas sensibilidades e acordos de ética e respeito.

Antes do término da intervenção, perguntamos quantos alunos já conheciam o Jardim Botânico municipal e 14 responderam que sim ou haviam passado próximo do local, 9 comentaram que já tinham entrado no espaço e realizado algum tipo de atividade (andar, correr, bicicleta). Questionados se já tiveram alguma prática de caminhada na escola durante as aulas de Educação Física, e a resposta foi negativa, disseram que tiveram ações de corrida, mas desta modalidade não.

Ao longo da conversa, os discentes citaram outro local para a realização da caminhada no município, que é o entorno do campo de futebol, porém, relataram que

lá não tem a quantidade de árvores que tem no Jardim Botânico e tem que ir à noite por motivo de sol quente durante o dia. 3 alunas relataram que realizam a prática periodicamente pela cidade ou em torno do estádio, de 2 a 3 vezes por semana.

No dia 09 de dezembro de 2022 aconteceu a segunda intervenção da modalidade. Participaram 21 alunos. Explicamos que as atividades seriam a trilha na terra e depois o piquenique ao ar livre. Em uma rápida conversa, comentamos que realizaríamos um percurso de aproximadamente 2km e encontraríamos pedras, lagos, pontes, árvores, plantas e bastante barro, devido ter chovido um dia antes de nossa prática. Ao iniciarmos a trilha, a aluna (23) disse: “Nossa, que cheiro de natureza”, se referindo ao cheiro de ar puro das árvores.

Entramos em um local da trilha que tinha muita lama, então resolvemos retornar e ir por outro caminho e deu certo, pois não encontramos mais pontos de muita lama, porém, os alunos sujaram bastante os calçados. No decorrer da atividade, os participantes da pesquisa foram lendo as placas com os nomes das árvores que continham no caminho, algumas delas foram: Pau D’alho, Café, Jaca e Peroba D’água. Os alunos não conheciam algumas delas e na identificação continha o país de origem. É importante pensar que essa ação pode dar lugar ao uso desse conhecimento em outras disciplinas escolares, de maneira que a interdisciplinaridade contribui para a formação dos alunos. Os nomes das árvores, por exemplo, podem ser utilizados na disciplina de Língua Portuguesa (ao analisar a sua escrita e emprego em frases e textos); Geografia (de modo a buscar onde há maior número dessas espécies de árvores no Brasil); Matemática (quando há a possibilidade de realizar problemas matemáticos com as operações básicas a partir da contagem das plantas) entre outros.

Durante vários momentos foi possível perceber o encantamento e a surpresa dos alunos quanto ao local da prática, pois muitos deles não conheciam e não sabiam que ali havia uma trilha tão legal para passear.

A ação durou próximo de 40 minutos, encontramos pelo caminho: pontes, árvores, lama, terra, cimento, pedras e lago. Quase ao final da trilha, nos deparamos com um cipó, onde realizamos uma atividade de quem conseguiria ficar mais tempo pendurado, e o aluno (16) conseguiu o maior tempo suspenso. Ao finalizarmos, o aluno (7) comentou: “Professor, estou quase sem fôlego de tão cansado, mas foi muito legal a trilha”, ao lado dele, a aluna (12) disse: “é verdade, foi muito legal, poderíamos vir aqui mais vezes”.

Fabiano e Almeida-Scabbia (2022, p. 01) expressam que “O contato com o meio ambiente desde a infância é importante por promover a formação de atitudes positivas do indivíduo durante toda a vida”. Com isso, elencamos ser fundamental o acesso de crianças e adolescentes a atividades que proporcionam o contato direto com a natureza, seu reconhecimento, sua interação. Práticas assim acabam por contribuir para a criação de um pensamento crítico, de preservação do meio ambiente.

Imagem 12: Intervenção de Caminhada/Trilha – crianças passando por ponte estreita.



Fonte: Acervo Próprio (2022).

Na etapa final da intervenção, organizamos o local para o piquenique. Toda a turma se deliciou com as comidas e bebidas. Enquanto comiam, o aluno (13) disse que “foi incrível essa atividade de caminhada, eu achei que ia ser sem graça, mas foi diferente”. Foi notório que toda a turma adorou o passeio e o lanche.

Por fim, destacamos, a partir de Bento e Ribeiro (2010, p. 192-193) que

Sair da rotina escolar e permitir aos alunos o acesso a novos ambientes e estratégias educacionais é uma forma de colocar em práticas a Teoria das Inteligências Múltiplas que suscita a necessidade do professor reconhecer, entender e ministrar suas aulas preocupando-se em valorizar as diversas capacidades, aptidões e habilidades dos educandos.

Logo, torna-se fundamental reconhecermos que a intervenção de caminhada/trilha foi de grande valia para a oportunização de diferentes conhecimentos aos alunos. Certamente essa atividade ficará registrada no intelecto dos estudantes, de modo que poderão lembrar dos conhecimentos adquiridos nesta prática por bastante tempo.

5. ANÁLISE DAS VIVÊNCIAS PROPOSTAS

A partir das intervenções realizadas e das observações junto dos alunos participantes, neste momento vamos destacar as principais categorias de análise que emergiram ao longo da pesquisa. Tais categorias surgiram a partir da repetição e frequência com que apareceram durante os encontros realizados. Como base, tomamos os estudos de Bardin (2016, p. 48), usando a Análise de Conteúdo, que aponta que esse procedimento:

É um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores [...] que permitam a inferências de conhecimentos relativos as condições de produção/recepção [...] destas mensagens.

Com isso, ao focar nas falas e nos comportamentos dos alunos ao longo das intervenções, conseguimos elencar três categorias de análise, que representam as principais ações dos discentes, são elas: a) Empolgação dos alunos com os espaços “diferentes”; b) Impressão de não conseguir realizar uma atividade; e, c) Envolvimento na realização das práticas corporais.

5.1. EMPOLGAÇÃO DOS ALUNOS COM OS ESPAÇOS “DIFERENTES”

Conforme pode ser observado, ao longo da pesquisa, os alunos participantes das intervenções sempre expuseram o contentamento em fazer parte das atividades em um ambiente externo à escola. Isso pode acontecer por conta da pouca frequência em que tais discentes são levados a esses ambientes. A utilização das aspas no termo “diferentes” porque tais espaços não são diferentes de fato, mas são pouco (ou nada) conhecidos dos alunos. Assim, essa adjetivação serve para marcar a não possibilidade de uso desses ambientes pelos alunos participantes da pesquisa.

Almeida (2019, p. 37), ao construir um estudo com atividades fora da escola, enfatiza que ocupar outros espaços diferentes da instituição escolar significa “[...] ampliar consideravelmente estas práticas pedagógicas, considerando os alunos integralmente”. Assim, essa experiência pode auxiliar em uma formação mais integral, de modo que os alunos passem a ter percepções e conhecimentos que antes eram mais limitados.

Sobre os relatos dos alunos, em certos momentos gerou surpresa, principalmente por parte daqueles que não conheciam os espaços públicos, uma vez que são locais de fácil acesso no município, sem valores de entrada e em sua maioria se localizam no centro da cidade, a exemplo o ginásio de esportes e a pista de atletismo. É possível visualizar a mudança dessa realidade de forma simples: como informar nas escolas municipais as atividades existentes nos espaços públicos e os horários e professores responsáveis, bem como a divulgação ampla para a comunidade escolar. Com relação aos espaços particulares, era esperado que os alunos não conhecessem, no entanto, algo que poderia ser feito para potencializar o acesso dos alunos das redes municipais a estes locais, seria, por meio da Secretaria Municipal de educação, a criação de um projeto que envolvesse todas as escolas municipais e a parceria com esses espaços, para que essas práticas acontecessem periodicamente, e por meio desta pesquisa foi possível perceber que tal ação é exequível.

Esses projetos têm sido bem-vistos por pesquisadores da área da educação, de modo que colocam alunos em contato com espaços e atividades diferenciados, possibilitando a ampliação de conhecimento dos discentes. Araújo (2003, p. 69) entende o trabalho com projetos como uma estratégia pedagógica coerente com “[...] a abertura para o novo; a perspectiva de uma ação voltada para o futuro, visando transformar a realidade; e a possibilidade de decisões, escolhas, apostas, riscos e incertezas”. Assim, tais projetos podem unificar ações voltadas para a melhoria da qualidade do processo educativo, potencializando o processo de ensino e de aprendizagem dentro das instituições escolares. Os projetos podem, junto disso tudo, a partir de objetivos bem elaborados, dinamizar o processo educativo, criando uma rede de relações possíveis para auxiliar na formação das crianças.

É válido destacar que as saídas dos alunos para locais “diferentes” do ambiente escolar são positivos e benéficos. Primeiramente que, por se tratar da escola integral, como no caso dessa pesquisa, os alunos não teriam a oportunidade de participar de muitas atividades realizadas nos locais públicos e/ou privados em horários aos quais estariam estudando, portanto, tal ação permite esse acesso em horário de aula. Outro benefício que podemos citar, se dá por meio das experiências vividas pelos discentes, pois as práticas corporais realizadas durante a pesquisa, em sua maioria, não acontecem no ambiente escolar. Em contrapartida, podemos citar algumas dificuldades encontradas, a exemplo do deslocamento da escola até os locais de

intervenção, principalmente a questão de sincronia de horários tanto para agendamento de ônibus junto a secretaria municipal de educação, quanto para a organização da escola para trocas de aulas de outros professores. Outro ponto negativo é que são poucos os motoristas disponíveis para ficarem à disposição da escola.

5.2. IMPRESSÃO DE NÃO CONSEGUIR REALIZAR UMA ATIVIDADE.

A segunda categoria de análise diz respeito ao fato de os alunos mostrarem (por meio de suas falas) o medo de não conseguir realizar alguma atividade, mas no decorrer das explicações, todos conseguiam. Pode ser que isso tenha relação com o “novo”, no sentido de que ao longo das ações, essa seria a primeira vez a ter contato com as práticas corporais ofertadas como a caminhada, a luta, a dança entre outras.

Os desafios postos aos alunos foram percebidos ao longo das demonstrações dos exercícios: uso de máquinas na academia, uso de instrumentos na pista de atletismo, o uso do tatame, piscina, o cuidado na trilha com terra entre outros. Num primeiro momento, todas essas ações pareciam impossíveis de serem realizadas pelos discentes, mas no decorrer do tempo, todos conseguiam cumprir tais desafios. Com isso, fica evidente a necessidade de ampliação de atividades nas aulas de Educação Física. Assim, concordamos com os estudos de Betti et al (2015, p. 164) quando os autores apontam que “[...] a ampliação dos conteúdos tratados nas aulas de Educação Física favorece o potencial de mobilização do sujeito para a aprendizagem, visto que, alcança uma maior condição de interiorização das “coisas que fazem sentido”

Em todas as intervenções, de imediato, a maioria dos alunos, mesmo mostrando interesse em participar do que era proposto, muitas vezes demonstravam uma certa insegurança ao realizar alguma atividade, muito possivelmente por ser o primeiro contato, como exemplos temos a natação e a academia (musculação), pois, segundo os alunos, foram as atividades mais diferentes, seja pelo local de suas práticas, seja pela complexidade de movimentos. Eis que surge o papel do professor, fazer com que os discentes realizem as atividades propostas e ao final da aula tenham aprendido e vivenciado algo prazeroso.

O papel do professor é primordial para as atividades dentro e fora da escola, mas no ambiente externo à instituição escolar esse papel é ainda mais necessário,

sobretudo por serem ambientes estranhos às crianças. Neste sentido, Bulgraen (2010, p. 31) destaca sobre a função do professor:

Sem dúvida, o professor além de ser educador e transmissor de conhecimento, deve atuar, ao mesmo tempo, como mediador. Ou seja, o professor deve se colocar como ponte entre o estudante e o conhecimento para que, dessa forma, o aluno aprenda a “pensar” e a questionar por si mesmo e não mais receba passivamente as informações como se fosse um depósito do educador

Esse trabalho de mediação deve ser realizado em todas as etapas da Educação, perpassando a Educação Básica até o Ensino Superior. Com as crianças isso se torna crucial à medida em que elas estão em uma fase de formação das suas habilidades e o acompanhamento dos docentes é uma ação responsiva para esse bom desempenho estudantil.

O docente tem a incumbência de, por meios estratégicos, demonstrar aos alunos as possibilidades e diferentes formas da realização de algo que antes não fora visto, algo novo, e a mediação faz toda a diferença no momento da prática. Devido as inúmeras dificuldades citadas durante as intervenções (por parte dos alunos), em todas as práticas foi demonstrado e explicado mais de uma vez a realização das práticas corporais, evidenciando que seria possível todos executarem, independente das características e nível de habilidade que apresentavam. A Educação Física, por meio do professor, tem esse papel de introduzir aos alunos movimentos diversificados e suas formas de desempenho, sempre de forma gradativa como aconteceram nas intervenções.

5.3. ENVOLVIMENTO NA REALIZAÇÃO DAS PRÁTICAS CORPORAIS

A terceira categoria de análise é sobre a dedicação e, principalmente, o envolvimento dos alunos nas atividades propostas. Esse envolvimento é sempre cobrado por parte dos docentes, com o intuito de que os alunos participem ativamente das tarefas propostas. Pudemos observar que isso aconteceu de forma orgânica ao longo das intervenções.

Martins e Freire (2013, p. 760) discutem que o “[...] professor de Educação Física, assim como os demais educadores, enfrenta em seu cotidiano o desafio de construir uma metodologia de ensino que estimule a participação dos alunos em suas

aulas”. Portanto, é bastante comum as queixas de docentes em relação à pouca interação dos alunos nas atividades.

A partir das intervenções realizadas, pudemos constatar um excelente envolvimento dos alunos das tarefas propostas. Visivelmente, todos participaram das práticas na academia, no Jardim Botânico, na piscina, na pista de atletismo e no tatame. Consideramos que o fato de os alunos estarem expostos a um método e a instrumentos diferenciados, isso fez com que houvesse o comprometimento com a participação.

Os alunos puderam perceber que um mesmo conteúdo pode ser trabalhado de formas diversas, tanto dentro da escola como em outros espaços e com materiais diversificados. Tal participação é importante, também, quando os alunos estão aprendendo alguma atividade nunca vivenciada anteriormente, a exemplo: natação e musculação, envolvendo regras, movimentos e situações antes não vivenciadas pela maioria e isto faz com seja trabalhado o desenvolvimento físico, mental e social. Foi possível perceber que o interesse na participação parte dos alunos, por meio da curiosidade em realizar práticas pedagógicas diferenciadas e de forma divertida, visando os objetivos da pesquisa. Nenhum aluno foi obrigado a participar das intervenções, antes do início das práticas, eles já demonstraram interesse em colaborar mediante autorização dos pais/responsáveis e o acolhimento ao pesquisador sempre foi visível.

Isso mostra a importância da dedicação dos alunos nas atividades propostas no processo educativo. Quando os discentes se comprometem a participar das atividades, a formação de torna mais prazerosa e exitosa. Oliveira (2018, p. 28), ao fazer um estudo com o objetivo de relatar as diferentes fases do processo de ensino e aprendizagem das habilidades motoras e dos esportes de aventura na escola, com uma turma de primeiro ano do ensino fundamental de uma escola pública do município de Porto Alegre, destacou que as atividades diferenciadas “[...] trazem uma didática de fácil aprendizado, que cria uma expectativa aos alunos de ter experiências diferenciadas e motivadoras”.

Certamente essa motivação apresentada pelos alunos participantes do estudo e na pesquisa realizada por Oliveira (2018) faz grande diferença na formação dos estudantes. Enquanto professor, é importante pensarmos nesse processo, de modo a possibilitar atividades diferenciadas.

Durante todas as intervenções foi visível que os alunos gostaram das atividades propostas e participaram ativamente de tudo que foi ofertado. Porém, um dos fatores para que isso pudesse acontecer, foi a maneira como os trabalhos foram direcionados, na função de professor/pesquisador, sempre foram propostos desafios criativos e que estimulavam a curiosidade da turma, além de valorizar o trabalho realizado em equipe e promovendo experiências práticas desenvolvendo a autonomia dos educandos, e esta forma de trabalho faz com que os discentes passem a gostar cada vez mais do que é oferecido a eles, uma vez que, principalmente na disciplina de Educação Física, os alunos demonstram melhor aceitação e maior participação nas aulas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo que a pesquisa nos apresenta podemos perceber a importância das intervenções realizadas fora dos muros da escola e as contribuições alcançadas. Sendo que o objetivo geral do trabalho foi o de analisar a vivência de atividades diversificadas fora do espaço escolar, o que foi atendido, uma vez que todas as intervenções foram realizadas fora do ambiente escolar, por meio de parcerias com academias, profissionais e espaços públicos, fazendo com que após a pesquisa, os alunos passem a ter o interesse de frequentar algum desses espaços utilizados para as ações.

Tal situação já foi identificada por meio de relatos dos próprios alunos, que após a intervenção, acompanhados de seus responsáveis, procuraram a secretaria municipal de esportes para ingressarem em alguma modalidade esportiva oferecida nos locais que as práticas do atletismo e da capoeira foram realizadas, espaços que poderão ser utilizados para a efetivação de atividade física sem custos, a exemplo o ginásio de esportes, a pista de atletismo e o jardim botânico, todos espaços públicos, o que mostra a importância de ações como essa, que além de aproximar os estudantes com outros espaços e práticas corporais, também pode despertar neles o interesse por uma nova modalidade.

Se torna importante considerar que os objetivos da pesquisa e da intervenção foram alcançados. Isso fica evidente ao passo que nas atividades intervencionistas, antes ou após cada prática, foi realizada uma roda de conversa com os alunos, sendo que por meio destas, os participantes relatavam se já haviam praticado a modalidade e conheciam o espaço ao qual se realizaram as aulas. Essa conversa nos permitiu diagnosticar a realidade destes estudantes, compreendendo o histórico de contato em relação com as modalidades que propomos o acesso.

Muitas informações puderam ser coletadas com as conversas, e constatada a importância das práticas fora do ambiente escolar, pois a maioria dos alunos sequer conheciam os espaços utilizados, tais como a piscina e a estrutura de uma academia (esses espaços foram os mais citados pelos alunos quanto a falta de conhecimento de suas existências), espaços estes, observados muitas vezes pelas crianças apenas pela televisão, *internet* e/ou vídeos apresentados pelo professor de Educação Física na escola durante as aulas da disciplina. Locais também pouco conhecido pelos alunos são os espaços públicos, a exemplo da pista municipal de atletismo e o ginásio onde foram realizadas as práticas de lutas/capoeira. Percebemos que quase não

aconteceram vivências anteriores dessas modalidades pelos alunos envolvidos na pesquisa, portanto, isso justifica – mais uma vez – a importância deste trabalho para o aumento de vivências diferenciadas para a turma.

Várias das atividades empreendidas na pesquisa (atletismo, luta e dança) podem ser realizadas no ambiente escolar, mas não com as mesmas condições dos espaços próprios para tal. Fora dos muros da escola encontramos locais que proporcionam aos alunos um complemento do que é trabalhado na disciplina de Educação Física, proporcionando novas vivências para os participantes e fazendo com que repensem as práticas, de modo a criar ou aumentar o interesse pela atividade física. O despertar por desenvolver outras atividades corporais faz com que as crianças tenham hábitos mais saudáveis, diminuindo os riscos de doenças e que possam escolher o que gostam a partir de diferentes destrezas.

Todas as atividades propostas aos alunos durante a pesquisa foram bem aceitas, visto que em todas as vezes que o pesquisador chegava na sala de aula da turma, todos se demonstravam felizes, também ocorreram contribuições para mudanças de comportamentos dos discentes durante o período em que estavam na escola em outras disciplinas e atividades. Relato da professora regente da turma: “os alunos estão amando as aulas fora da escola, eles não veem a hora que chega o dia de ir para algum lugar diferente e é sempre uma surpresa para eles. O comportamento de muitos mudou para melhor, diminuiu a bagunça na sala de aula e as conversas paralelas. O projeto é importante para eles, pois vários (devido sua classe social) não tem condições de realizar essas atividades fora na escola como a natação por exemplo. Com certeza eles sentirão falta quando essas aulas acabarem”. Percebemos por essa fala, que a pesquisa contribui também em momentos que ela não acontece, por exemplo, durante as aulas de outros professores. Motivos esses pelos quais pretendemos – em um futuro próximo – implantar atividades fora das escolas por meio de parcerias entre instituições municipais e privadas, proporcionando sempre vivências de atividades diferenciadas para nossos alunos.

Pudemos perceber, enquanto pesquisador e por fazer parte do processo de perto, algumas reações e sentimentos provocados nos alunos durante as diferentes atividades realizadas. Nas aulas práticas de natação/atividades aquáticas a princípio os participantes ficaram espantados e com medo, por conta do tamanho da piscina, porém, ao desenrolar percebemos a confiança que foram tomando e perdendo o medo, a ponto de no segundo encontro alguns já pularem da borda para dentro da

piscina. E ao final dessa intervenção todos os discentes conseguiram realizar as atividades, evidente que uns com mais e outros com menos facilidade.

Já na intervenção de atletismo ficou marcado o desgaste físico dos alunos após as aulas, pois não apresentavam noção exata de tempo e espaço e nas atividades de corrida principalmente, não dosavam, correndo em esforço máximo no início da atividade e muitas vezes não conseguindo concluir (corrida de 350 metros), mas com as explicações do professor responsável, foram adequando o ritmo para a ação proposta, porém, ao final eles estavam muito cansados a ponto de termos que sentar e aguardar 5 minutos para descansarem e depois nos dirigirmos ao ônibus para ir embora.

Na modalidade de dança, os participantes da pesquisa puderam vivenciar movimentos diversos e não conhecidos anteriormente. A princípio os meninos se apresentaram receosos devido interpretarem a prática como apenas para as meninas, porém, ao decorrer da aula, aprenderam gestos e elogiaram o momento. A turma conseguiu, com auxílio da professora responsável, realizar uma coreografia em duas intervenções e sentiram-se satisfeitos.

As práticas de luta e caminhada/trilha foram as que os participantes apresentaram menor dificuldade, por se tratar de exercícios e movimentos que os alunos já conheciam ou tiveram contato nas aulas da disciplina de Educação Física no ambiente escolar, mas fora dos muros da escola puderam contatar locais e equipamentos diversificados que colaboram para uma intervenção que contemplou os objetivos da pesquisa. Em contrapartida, a modalidade de musculação que aconteceu na academia, foi a que a turma pode experimentar um maior número de diferentes ações, visto a diversidade de aparelhos utilizados nesta intervenção.

Partindo do pressuposto que na escola a disciplina de Educação Física tem seu planejamento realizado como o auxílio da BNCC, documento que rege os conteúdos escolares no estado do Paraná, esta pesquisa contribuiu de forma positivamente proporcionando aos alunos vivências diferentes das que são realizadas em seu cotidiano, visto que os conteúdos podem ser os mesmos trabalhados na escola, porém, de forma diferente, com espaços adequados e materiais específicos.

Como limitações encontradas na pesquisa, podemos citar: adequação para a realização das intervenções entre a escola e os órgãos públicos e privados, disponibilidade de ônibus e disponibilidade de datas e horários com os locais pré-escolhidos para as práticas, o não comparecimento à escola por parte de alguns

poucos alunos em algumas intervenções e a organização da escola quanto às mudanças que foram necessárias no horário das aulas para adequar aos dias das práticas.

A proposta de se trabalhar conteúdos diversificados nas aulas de Educação Física, busca acrescentar a formação do aluno por meio de novas experiências e novos conhecimentos. Para que as temáticas aqui tratadas sejam mais divulgadas, sugere-se que novos estudos sejam realizados, ampliando o enfoque dado nessa pesquisa.

REFERÊNCIAS

- AGÁPITO, Cleidiane Mateus. **O atletismo como alternativa metodológica nas aulas de Educação Física**. Monografia (Licenciatura em Educação Física). 2015. 35 fl. Faculdade de Educação e Meio Ambiente, Ariquemes, 2015.
- ALMEIDA, Leandro Gouveia. **Perspectivas da Educação Física escolar: narrativas sobre experiências que ultrapassam os “muros” da escola**. Tese (Doutorado em Educação). 181 fl. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.
- ANDREOLI, Giuliano Souza; CANELHAS, Larissa. A dança e as relações de gênero: uma reflexão sobre a interação entre meninos e meninas em uma aula de dança. **Revista da FUNDARTE**, Montenegro, p. 375-394, n. 37, jan./mar., 2019. Disponível em: <<http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>>. Acesso em: 20 nov. 2022.
- ANDREOLI, Giuliano Souza. Representações de masculinidade na dança contemporânea. **Revista Movimento**, v. 17, n. 01, p. 159-175, 2011.
- ANJOS, Isabelle de Vasconcellos Corrêa; FERRARO, Alexandre Archanjo. A influência da dança educativa no desenvolvimento motor de crianças. **Rev Paul Pediatr.**, v. 36, n. 03, p. 337-344, 2018.
- ARAÚJO, Ulisses Ferreira de. **Temas transversais e a estratégia de projetos**. São Paulo: Moderna, 2003.
- AZEVEDO, Andréa Maria Pires et al. Formação Continuada na prática pedagógica: a Educação Física em questão. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 04, p. 245-262, out./dez., 2010.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 3. reimp. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2016.
- BENTO, Lilian Carla Moreira; RIBEIRO, Romes Dias. Educação Física e Meio Ambiente: nas trilhas do ecoturismo – um estudo de caso no município de Indianópolis/MG. **Revista Em Extensão**, Uberlândia, n. 01, v. 09, p. 183-194, jan./jul., 2010.
- BETTI, Mauro et al. **Os saberes da Educação Física na perspectiva de alunos do ensino fundamental: o que aprendem e o que gostariam de aprender**. 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Mauro-Betti/publication/282291588_Os_saberes_da_Educacao_Fisica_na_perspectiva_de_alunos_do_ensino_fundamental_o_que_aprendem_e_o_que_gostariam_de_aprender/links/560aa95d08ae4d86bb147731/Os-saberes-da-Educacao-Fisica-na-perspectiva-de-alunos-do-ensino-fundamental-o-que-aprendem-e-o-que-gostariam-de-aprender.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2023.
- BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 01, n. 01, p. 73-81, 2002.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – Lei nº. 9.394/1996. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 01 mai. 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Presidência da República, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_s ite.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Qualitative research of education**. Boston: Allyn and Bacon, 1982.

BULGRAEN, Vanessa. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. **Revista Conteúdo**, Capivari, v.1, n.4, ago./dez. 2010. Disponível em: <http://www.moodle.cpscetec.com.br/capacitacaopos/mstech/pdf/d3/aula04/FOP_d03_a04_t07b.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2023.

CARVALHO, João Paulo Ximenes; BARCELOS, Marciel; MARTINS, Rodrigo Lema Del Rio. Infraestrutura escolar e recursos materiais: desafios para a Educação Física contemporânea. **Revista Humanidades & Inovação**, Unitins, v. 07, n. 10, p. 218-237.

CARVALHO, Liana Maria Braid. Educação Física na escola: uma proposta de renovação. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, Fortaleza, v. 16, n. 02, pp. 54-58, 2003.

CHAVES, Aline Dessupoio et al. O medo na aprendizagem da Natação. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 18, n. 4, out./dez. 2015.

CORREIA, Clara Knierim et al. Quais os efeitos da natação para crianças e adolescentes? Revisão sistemática de literatura. **Arq Cien Esp**, v. 07, n. 01, p. 13-17, 2019.

CORREIA, Walter Roberto. Educação Física Escolar: o currículo como oportunidade histórica. **Rev Bras Educ Fis Esporte**, São Paulo, n. 30, v. 03, p. 831-836, jul./set., 2016.

DAMAZIO, Márcia Silva; SILVA, Maria Fátima Paiva. O ensino da Educação Física e o espaço físico em questão. **Pensar a prática**, v. 11, n. 2, p. 189-196, 2008.

DAMIANI, M. F. **Sobre pesquisas do tipo intervenção**. In: ENDIPE – Encontro nacional de didática e práticas de ensino, 16., 2012, Campinas. Anais. Campinas: Junqueira e Marins Editores, 2012.

DARIDO, Suraya Cristina; SANCHES NETO, Luiz. O contexto da Educação Física na escola. In: DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade (Orgs.). **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 50-61.

FABIANO, Raissa de Sousa; ALMEIDA-SCABBIA, Renata Jimenez. Atividades educativas para crianças na trilha: caminhos da Mata Atlântica, no Centro de Referência Socioambiental Mata Atlântica (CRSMA), Mogi das Cruzes, SP. **Revista Científica da UMC**, v. 07, n. 02, 2022.

FERRARI, Alfonso Trujillo. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.

FERREIRA, Heraldo Simões. As lutas na Educação Física escolar. **Revista de Educação Física**, n. 135, p. 36-44, nov., 2006. Disponível em: <<https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/428/450>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

FILHO, José Ivandir do Nascimento et al. Prevalência de lesões em praticantes de musculação do município de Fortaleza-CE. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, São Paulo, v.13, n. 85, p.815-821, set./out., 2019.

FLORES, Patric Paludett et al. Formação inicial de professores de Educação Física: um olhar para o estágio curricular supervisionado. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 17, n. 01, p. 61-68, 2019.

FOSCHINI, Denis; PRESTES, Jonato; CHARRO, Mário Augusto. Relação entre exercício físico, dano muscular e dor muscular de início tardio. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, v. 09, n. 01, p. 101-106, 2007.

FREITAS, Daniel Cesar et al. Formação continuada de professores de Educação Física. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, v. 20, n. 03, p. 09-21, set./dez., 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Winnie Laura de Queiroz. **Estudo da relação espaço/materiais e o desinteresse na participação nas aulas de Educação Física**. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Educação Física. Universidade Federal do Maranhão, 2019. Disponível em: <<https://rosario.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/4364/1/WinnieRodrigues.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2022.

HORN, M. G. S. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítica social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1990.

LOVISOLO, H. **Educação Física: a arte da mediação**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

- MACEDO, Paulo Pereira et al. A musculação como conteúdo nas aulas de Educação Física escolar. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, vol. 13, n. 4, 2014.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MARIANO, Marina; ALTMANN, Helena. Educação Física na Educação Infantil: educando crianças ou meninos e meninas. **Cadernos Pagu**, n. 46, p. 411-438, jan./abr., 2016.
- MARTINS, Thainá Silva; SALES, Bianca Christian Medeiros; LAVORATO, Victor Neiva. Atletismo: aplicação nas aulas de Educação Física em uma escola pública da cidade de Ubá-MG. **Revista Científica UNIFAGOC**, v. 05, 2020.
- MARTINS, Ana Beatriz Rizzotti; FREIRE, Elisabete dos Santos. O envolvimento dos alunos nas aulas de Educação Física: um estudo de caso. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 3, p. 619955, jul./set. 2013.
- MASSAMBANI, Patrícia. **Educação Física escolar**: interesse dos estudantes com a mudança de ambiente em uma disciplina eletiva. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física), 2020. 178 fl. Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2020.
- MELO, Janaína Magda Pinto de et al. Benefícios da natação para crianças e adolescentes. **Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 6, n. 8, p. 62511-62519, ago., 2020.
- MENEGUETTI, Naila Fernanda Sbsczk Pereira; MENEGUETTI, Dionatas Ulises de Oliveira. Desvio de função dos professores para outras áreas de formação na Escola 28 de Novembro no município de Ouro Preto do Oeste - RO. **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente**, n. 01, v.01, p. 41-50, mai-out, 2010.
- NASCIMENTO, Paulo Rogério Barbosa; ALMEIDA, Luciano. A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 91-110, set./dez., 2007.
- OLIVEIRA, Arli Ramos de; LOPES, Andrei Guilherme; RISSO, Sidiclei. Elaboração de Programas de Treinamento de Força para Crianças. **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde**, Londrina, v. 24, p. 85-96, jan./ dez. 2003.
- OLIVEIRA, Camila Fagundes de; SILVA, Lisandra Oliveira; NETO, Vicente Molina. Arquitetura escolar e o ensino de Educação Física: relações (im)possíveis. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 02, p. 01-10, maio/ago., 2011.
- OLIVEIRA, Patrícia Soares de. **Esportes de aventura nas aulas de Educação Física no primeiro ano do Ensino Fundamental**: um relato de experiência. Monografia (Licenciatura em Educação Física). 35 fl. 2018. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.
- PARANÁ. **Currículo da Rede Estadual Paranaense**. Curitiba: Secretaria de Educação, 2021. Disponível em:

<https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-05/crep2021_educacaofisica_seriesiniciais.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.

PEREIRA, Paulo; COSTA, Francisco Carreiro da; DINIZ, José Alves. As atitudes dos alunos face à disciplina de Educação Física: um estudo plurimetodológico. **Boletim SPEF**, n. 34, 2009. Disponível em: <<https://boletim.spef.pt/index.php/spef/article/view/132/119>>. Acesso em: 18 out. 2022.

PORPINO, Karenine de Oliveira. **Dança é educação**: interfaces entre corporeidade e estética. 2. ed. Natal/RN: EDUFRN, 2018.

PRANDINA, M. Z.; SANTOS, M. L. A Educação Física escolar e as principais dificuldades apontadas por professores da área. **Revista Horizontes**, Dourados, v. 4, n. 8, jul./dez. 2016.

ROCHA, Daniela; RODRIGUES, Graciele Massoli. A dança na escola. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 06, n. 03, p. 15-21, 2007.

SANTOS, M. F.; MARCON, D.; TRENTIN, D. T. Inserção da Educação Física na área de Linguagens, Códigos e suas tecnologias. **Motriz**, Rio Claro, v. 18, n. 3, pp. 571-580, jul./set, 2012.

SARMENTO, M. J. **A Construção Social da Cidadania na Infância**. Conferência proferida no IV Congresso da Texto Editora, 2006.

SILVA, Jaqueline da et al. Aventura na Educação Física escolar: ousadia na utilização de estratégias para além dos muros da escola. **XI Congresso Brasileiro de Atividade de Aventura**. 25 a 28 de agosto de 2021.

SILVA, Josimar Costa; ROCHA, Keuby Souza. **Atletismo na Educação Física Escolar**: importância, obstáculos e materiais alternativos. Monografia (Educação Física). 2016. 73 fl. Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus, 2016.

SOARES, Maria Perpétua do Socorro Beserra. Formação Permanente de Professores: um estudo inspirado em Paulo Freire com docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, **Revista Educação & Formação**, Fortaleza, vol. 05, n. 01, p. 151-171, jan.br., 2020.

SOUSA, Nilza Coqueiro Pires; HUNGER, Dagmar Aparecida Cynthia França; CARAMASCHI, Sandro. O ensino da dança na escola na ótica dos professores de Educação Física e de Arte. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, n. 28, v. 03, p. 505-520, jul./set., 2014.

SOUZA LIMA, M. W. **Espaços educativos**: usos e construções. Brasília: MEC, 1998.

TEIXEIRA, A. **Educação não é privilégio**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

TENÓRIO, Maria Cecília Marinho; TASSITANO, Rafael Miranda; LIMA, Marília de Carvalho. conhecendo o ambiente escolar para as aulas de Educação Física: existe diferença entre as escolas? **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, Pelotas, n. 17, v. 04, p. 307-313, ago/2012.

TOKUYOCHI, Jorge Hideo et al. Retrato dos professores de Educação Física das escolas estaduais do estado de São Paulo. **Motriz. Journal of Physical Education. UNESP**, p. 418-428, 2008.

WEISS, Cassia Vieira et al. A importância da caminhada na perspectiva da equipe de redutores de danos. **Journal of Nursing Health**, Pelotas/RS, n. 01, v. 01, p. 44-49, jan./jun., 2012.

ANEXOS**DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DO LOCAL PARA PESQUISA****MARINGÁ / PR, 25/10/2021****Comitê de Ética de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos - COPEP
Universidade Estadual de Maringá - UEM**

Eu, Moacir Olivatti, **Prefeito de Nova Esperança**, declaro, a fim de viabilizar a execução do projeto de pesquisa intitulado **Aulas de Educação Física além dos muros da escola: contribuições de fora para dentro**, sob a responsabilidade dos pesquisadores Antonio Carlos Monteiro de Miranda (Prof Dr Orientador) e Marcelo de Oliveira (aluno do mestrado), vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), campus UEM- Maringá- PR que o município coopera autorizando a inserção do mestrando Marcelo de Oliveira, no JARDIM BOTÂNICO e PISTA DE ATLETISMO de Nova Esperança- PR para a coleta de dados por meio de observação em campo, produção de imagens fotográficas para fins de composição de material de análise, utilização do espaço junto aos alunos inseridos na pesquisa, buscando contribuir para o cumprimento dos objetivos apresentados no projeto, assim como a reprodução e veiculação de tais dados e imagens fotográficas em eventos de caráter acadêmico-científico e publicações científicas como anais de eventos, revistas, livros, de modo a favorecer a difusão dos conhecimentos advindos com os resultados da pesquisa. As informações coletadas por meio de observação e das filmagens, fotografias serão utilizadas apenas para fins desta pesquisa, o nome das crianças e imagem serão preservados com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Qualquer dúvida em relação à pesquisa poderá ser esclarecida com os pesquisadores responsáveis, conforme endereço abaixo:

Nome: Marcelo de Oliveira (aluno do mestrado)
Endereço: Rua Dr. Francisco Beltrão, 910
Telefone: (44) 999763822/E-mail: mdo1808@hotmail.com

Nome: Antonio Carlos Monteiro de Miranda (Prof. Dr. Orientador)
Endereço: Av. Colombo, 5.792, Jardim Universitário, Bloco: M06, Sala 05.
Telefone: (44) 3011-4315/E-mail: acmmiranda@uem.br

Qualquer dúvida quanto aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (COPEP) da UEM, no endereço abaixo:

COPEP/UEM - Universidade Estadual de Maringá
Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM
Bloco 35-PPG, sala 4..
CEP 87020-900. Maringá-Pr. Tel: (44) 3011-4444/E-mail: copep@uem.br

De acordo e ciente,

MOACIR OLIVATTI
Prefeito Municipal
Nova Esperança - PR

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DO LOCAL PARA PESQUISA

MARINGÁ / PR, 25/10/2021

**Comitê de Ética de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos - COPEP
Universidade Estadual de Maringá - UEM**

Eu, Danilo Thiago Boregas Santini, **Sócio Proprietário da Academia ESPAÇO BS**, declaro, a fim de viabilizar a execução do projeto de pesquisa intitulado **Aulas de Educação Física além dos muros da escola: contribuições de fora para dentro**, sob a responsabilidade dos pesquisadores Antonio Carlos Monteiro de Miranda (Prof Dr Orientador) e Marcelo de Oliveira (aluno do mestrado), vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), campus UEM- Maringá- PR que AUTORIZO a inserção do mestrando Marcelo de Oliveira, na Academia já citada para a coleta de dados por meio de observação em campo, produção de imagens fotográficas para fins de composição de material de análise, utilização do espaço junto aos alunos inseridos na pesquisa, buscando contribuir para o cumprimento dos objetivos apresentados no projeto, assim como a reprodução e veiculação de tais dados e imagens fotográficas em eventos de caráter acadêmico-científico e publicações científicas como anais de eventos, revistas, livros, de modo a favorecer a difusão dos conhecimentos advindos com os resultados da pesquisa. As informações coletadas por meio de observação e das filmagens, fotografias serão utilizadas apenas para fins desta pesquisa, o nome das crianças e imagem serão preservados com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Qualquer dúvida em relação à pesquisa poderá ser esclarecida com os pesquisadores responsáveis, conforme endereço abaixo:

Nome: Marcelo de Oliveira (aluno do mestrado)
Endereço: Rua Dr. Francisco Beltrão, 910
Telefone: (44) 999763822/E-mail: mdo1808@hotmail.com

Nome: Antonio Carlos Monteiro de Miranda (Prof. Dr. Orientador)
Endereço: Av. Colombo, 5.792, Jardim Universitário, Bloco: M06, Sala 05.
Telefone: (44) 3011-4315/E-mail: acmmiranda@uem.br

Qualquer dúvida quanto aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (COPEP) da UEM, no endereço abaixo:

COPEP/UEM - Universidade Estadual de Maringá
Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM
Bloco 35-PPG, sala 4..
CEP 87020-900. Maringá-Pr. Tel: (44) 3011-4444/E-mail: copep@uem.br

De acordo e ciente,

DANILO THIAGO BOREGAS SANTINI
Sócio-Proprietário da Academia Espaço BS
Nova Esperança - PR

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DO LOCAL PARA PESQUISA**MARINGÁ / PR, 25/10/2021****Comitê de Ética de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos - COPEP
Universidade Estadual de Maringá - UEM**

Eu, Edno Guandalin, **Secretário Municipal de Educação e Cultura de Nova Esperança-PR**, declaro, a fim de viabilizar a execução do projeto de pesquisa intitulado **Aulas de Educação Física além dos muros da escola: contribuições de fora para dentro**, sob a responsabilidade dos pesquisadores Antonio Carlos Monteiro de Miranda (Prof Dr Orientador) e Marcelo de Oliveira (aluno do mestrado), vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), campus UEM-Maringá- PR que a secretaria municipal de educação e cultura coopera autorizando a inserção do mestrando Marcelo de Oliveira, na ESCOLA MUNICIPAL JULIO BENATTI de Nova Esperança- PR para a coleta de dados por meio de observação em campo, produção de imagens fotográficas para fins de composição de material de análise, utilização do espaço junto aos alunos inseridos na pesquisa, buscando contribuir para o cumprimento dos objetivos apresentados no projeto, assim como a reprodução e veiculação de tais dados e imagens fotográficas em eventos de caráter acadêmico-científico e publicações científicas como anais de eventos, revistas, livros, de modo a favorecer a difusão dos conhecimentos advindos com os resultados da pesquisa. As informações coletadas por meio de observação e das filmagens, fotografias serão utilizadas apenas para fins desta pesquisa, o nome das crianças e imagem serão preservados com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Qualquer dúvida em relação à pesquisa poderá ser esclarecida com os pesquisadores responsáveis, conforme endereço abaixo:

Nome: Marcelo de Oliveira (aluno do mestrado)
Endereço: Rua Dr. Francisco Beltrão, 910
Telefone: (44) 999763822/E-mail: mdo1808@hotmail.com

Nome: Antonio Carlos Monteiro de Miranda (Prof. Dr. Orientador)
Endereço: Av. Colombo, 5.792, Jardim Universitário, Bloco: M06, Sala 05.
Telefone: (44) 3011-4315/E-mail: acmmiranda@uem.br

Qualquer dúvida quanto aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (COPEP) da UEM, no endereço abaixo:

COPEP/UEM - Universidade Estadual de Maringá
Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM
Bloco 35-PPG, sala 4..
CEP 87020-900. Maringá-Pr. Tel: (44) 3011-4444/E-mail: copep@uem.br

De acordo e ciente,

EDNO GUANDALIN
Secretário Municipal de Educação e Cultura
Nova Esperança - PR

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DO LOCAL PARA PESQUISA

MARINGÁ / PR, 25/10/2021

**Comitê de Ética de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos - COPEP
Universidade Estadual de Maringá - UEM**

Eu, Márcia Aparecida de Vieira Faria, **Diretora da Escola Municipal Julio Benatti**, declaro, a fim de viabilizar a execução do projeto de pesquisa intitulado **Aulas de Educação Física além dos muros da escola: contribuições de fora para dentro**, sob a responsabilidade dos pesquisadores Antonio Carlos Monteiro de Miranda (Prof Dr Orientador) e Marcelo de Oliveira (aluno do mestrado), vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), campus UEM- Maringá- PR que a escola coopera autorizando a inserção do mestrando Marcelo de Oliveira, na ESCOLA MUNICIPAL JULIO BENATTI de Nova Esperança- PR para a coleta de dados por meio de observação em campo, produção de imagens fotográficas para fins de composição de material de análise, utilização do espaço junto aos alunos inseridos na pesquisa, buscando contribuir para o cumprimento dos objetivos apresentados no projeto, assim como a reprodução e veiculação de tais dados e imagens fotográficas em eventos de caráter acadêmico-científico e publicações científicas como anais de eventos, revistas, livros, de modo a favorecer a difusão dos conhecimentos advindos com os resultados da pesquisa. As informações coletadas por meio de observação e das filmagens, fotografias serão utilizadas apenas para fins desta pesquisa, o nome das crianças e imagem serão preservados com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Qualquer dúvida em relação à pesquisa poderá ser esclarecida com os pesquisadores responsáveis, conforme endereço abaixo:

Nome: Marcelo de Oliveira (aluno do mestrado)
Endereço: Rua Dr. Francisco Beltrão, 910
Telefone: (44) 999763822/E-mail: mdo1808@hotmail.com

Nome: Antonio Carlos Monteiro de Miranda (Prof. Dr. Orientador)
Endereço: Av. Colombo, 5.792, Jardim Universitário, Bloco: M06, Sala 05.
Telefone: (44) 3011-4315/E-mail: acmmiranda@uem.br

Qualquer dúvida quanto aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (COPEP) da UEM, no endereço abaixo:

COPEP/UEM - Universidade Estadual de Maringá
Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM
Bloco 35-PPG, sala 4..
CEP 87020-900. Maringá-Pr. Tel: (44) 3011-4444/E-mail: copep@uem.br

De acordo e ciente,

MARCIA APARECIDA DE VIEIRA FARIA
Diretora da Escola Municipal Julio Benatti
Nova Esperança - PR

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DO LOCAL PARA PESQUISA

MARINGÁ / PR, 25/10/2021

**Comitê de Ética de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos - COPEP
Universidade Estadual de Maringá - UEM**

Eu, José Roberto Garcia Padovani, **Sócio Proprietário da Academia Ponto 8**, declaro, a fim de viabilizar a execução do projeto de pesquisa intitulado **Aulas de Educação Física além dos muros da escola: contribuições de fora para dentro**, sob a responsabilidade dos pesquisadores Antonio Carlos Monteiro de Miranda (Prof Dr Orientador) e Marcelo de Oliveira (aluno do mestrado), vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), campus UEM- Maringá- PR que a escola coopera autorizando a inserção do mestrando Marcelo de Oliveira, na ACADEMIA PONTO 8 de Nova Esperança- PR para a coleta de dados por meio de observação em campo, produção de imagens fotográficas para fins de composição de material de análise, utilização do espaço junto aos alunos inseridos na pesquisa, buscando contribuir para o cumprimento dos objetivos apresentados no projeto, assim como a reprodução e veiculação de tais dados e imagens fotográficas em eventos de caráter acadêmico-científico e publicações científicas como anais de eventos, revistas, livros, de modo a favorecer a difusão dos conhecimentos advindos com os resultados da pesquisa. As informações coletadas por meio de observação e das filmagens, fotografias serão utilizadas apenas para fins desta pesquisa, o nome das crianças e imagem serão preservados com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Qualquer dúvida em relação à pesquisa poderá ser esclarecida com os pesquisadores responsáveis, conforme endereço abaixo:

Nome: Marcelo de Oliveira (aluno do mestrado)
Endereço: Rua Dr. Francisco Beltrão, 910
Telefone: (44) 999763822/E-mail: mdo1808@hotmail.com

Nome: Antonio Carlos Monteiro de Miranda (Prof. Dr. Orientador)
Endereço: Av. Colombo, 5.792, Jardim Universitário, Bloco: M06, Sala 05.
Telefone: (44) 3011-4315/E-mail: acmmiranda@uem.br

Qualquer dúvida quanto aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (COPEP) da UEM, no endereço abaixo:

COPEP/UEM - Universidade Estadual de Maringá
Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM
Bloco 35-PPG, sala 4..
CEP 87020-900. Maringá-Pr. Tel: (44) 3011-4444/E-mail: copep@uem.br

De acordo e ciente,

JOSE ROBERTO GARCIA PADOVANI
Sócio Proprietário da Academia Ponto 8
Nova Esperança - PR

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada: **Aulas de Educação Física além dos muros da escola: contribuições de fora para dentro**, O estudo é orientado pelo prof. Dr. Antonio Carlos Monteiro de Miranda e será desenvolvido pelo mestrando Marcelo de Oliveira. O objetivo da pesquisa é Implementar a vivência de atividades diversificadas em uma turma de quinto ano do ensino fundamental (anos iniciais) de uma escola integral no município de Nova Esperança- PR. Para isto, a participação dos alunos selecionados é muito importante e ela se dará de forma voluntária, podendo a qualquer momento acontecer a recusa a participar. As informações coletadas por meio de observação e das filmagens, fotografias serão utilizadas apenas para fins desta pesquisa, o nome das crianças e imagem serão preservados com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Os dados serão arquivados pelo pesquisador, podendo ser solicitado a qualquer momento, se necessário, inclusive para ajustes. Informamos que não estão previstos desconfortos INACEITÁVEIS por meio das atividades ocorridas, no entanto, faremos o possível ao nosso alcance para amenizar possíveis ocorrências. Vale ressaltar que a pesquisa não oferecerá riscos e nem estão previstos benefícios diretos aos participantes, porém entendemos que a sua contribuição para a pesquisa ajudará a alcançar os objetivos propostos.

Espera-se por meio desta pesquisa analisar possíveis vivências anteriores e conhecimento prévio da turma referente a temática das atividades abordadas; apresentar para a turma, a prática de atividades fora do ambiente escolar, tais como: atletismo, dança, caminhada, musculação, natação e luta, e realizar suas vivências; pontuar a importância da realização de atividade física, sobretudo das atividades propostas e seus benefícios para uma turma de quinto ano de uma escola municipal integral do município de Nova Esperança- PR.

Caso você tenha dúvidas ou necessite mais esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta deste documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Eu, _____, responsável pelo(a) aluno(a) _____, declaro que fui devidamente esclarecido e aprovo a participação VOLUNTÁRIA da pesquisa coordenada pelo Prof. Dr. Antonio Carlos Monteiro de Miranda e realizada pelo aluno de mestrado Marcelo de Oliveira, bem como autorizo o deslocamento do aluno citado até os locais das atividades para suas práticas.

_____ Data: 31/03/2022.

Assinatura do responsável

Eu, MARCELO DE OLIVEIRA, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

_____ Data: 31/03/2022.

Assinatura do pesquisador

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Nome: Marcelo de Oliveira

Endereço: Rua Dr. Francisco Beltrão, 910

Telefone: (44) 999763822/E-mail: mdo1808@hotmail.com

Nome: Antonio Carlos Monteiro de Miranda

Endereço: Av. Colombo, 5790, CEP: 87020-900 - Campus Sede - Bloco M 06 Sala 05.
Departamento de Educação Física.

(44) 3011 - 4315 antoniomonteirouem@gmail.com

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM, no endereço abaixo:
COPEP/UEM

Universidade Estadual de Maringá.

Av. Colombo, 5790. Campus da UEM.

Bloco 35-PPG, sala 4..

CEP 87020-900. Maringá-Pr. Tel: (44) 3011-4444

E-mail: copep@uem.br

Eu, __NOME DO RESPONSÁVEL__, responsável pelo(a) aluno(a) __NOME DO ALUNO__, declaro que fui devidamente esclarecido e aprovo a participação VOLUNTÁRIA da pesquisa coordenada pelo Prof. Dr. Antonio Carlos Monteiro de Miranda e realizada pelo aluno de mestrado Marcelo de Oliveira, bem como autorizo o deslocamento do aluno citado até os locais das atividades para suas práticas.

__ASSINATURA RESPONSÁVEL__ Data: 31/03/2022.

Assinatura do responsável

Eu, MARCELO DE OLIVEIRA, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

_____ Data: 31/03/2022.

Assinatura do pesquisador

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Nome: Marcelo de Oliveira

Endereço: Rua Dr. Francisco Beltrão, 910

Telefone: (44) 999763822/E-mail: mdo1808@hotmail.com

Nome: Antonio Carlos Monteiro de Miranda

Endereço: Av. Colombo, 5790, CEP: 87020-900 - Campus Sede - Bloco M 06 Sala 05.
Departamento de Educação Física.

(44) 3011 - 4315 antoniomonteirouem@gmail.com

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM, no endereço abaixo:
COPEP/UEM

Universidade Estadual de Maringá.

Av. Colombo, 5790. Campus da UEM.

Bloco 35-PPG, sala 4..

CEP 87020-900. Maringá-Pr. Tel: (44) 3011-4444

E-mail: copep@uem.br

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nova Esperança, 31 de março de 2022.

Caro(a) estudante,

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa científica intitulada “ Aulas de Educação Física além dos muros da escola: contribuições de fora para dentro”. Seu responsável permitiu que você participasse!

O objetivo do trabalho é proporcionar a vivência de atividades diversificadas fora do espaço escolar em uma turma de quinto ano do ensino fundamental de uma escola integral no município de Nova Esperança- PR.

Você não precisa participar do trabalho se não quiser; é um direito seu. Também não terá nenhum problema se quiser desistir depois de ter iniciada a sua participação.

A pesquisa acontecerá nos horários das aulas de Educação Física, o ônibus do transporte escolar levará os alunos para os locais onde acontecerão as práticas de atletismo, caminhada, natação, dança, musculação e luta. Sua participação tem relevância pois contribuirá para o entendimento da importância dessas atividades. Para ajudar na pesquisa, além da sua participação, poderá ser realizada a gravação da roda de conversa entre o pesquisador e os alunos. Reforçamos que o anonimato do seu nome e da sua imagem serão preservados durante a pesquisa e, somente o pesquisador e o coordenador deste trabalho é que terão acesso ao material de gravação.

Não há riscos (INACEITÁVEIS), porém, poderá ocorrer, eventualmente, o desconforto e/ou incômodo por não conseguir realizar alguma das atividades propostas, mas que serão minimizados com a adequada intermediação do pesquisador. No entanto, caso ocorra alguma inconveniência mais grave, o pesquisador responsabiliza-se em prestar os devidos atendimentos, bem como contatar um serviço de atendimento pedagógico e/ou psicológico escolar especializado, inclusive posteriormente à realização da pesquisa, caso seja necessário.

Os benefícios esperados com o desenvolvimento desta pesquisa visa contribuir as discussões sobre atividades realizadas fora da escola como forma de complemento às atividades realizadas no ambiente escolar, bem como servir como material bibliográfico para pesquisas futuras.

Caso venha a sentir qualquer desconforto ou tenha alguma dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar pessoalmente tanto o pesquisador, Marcelo de Oliveira, pelo telefone (44) 999763822, quanto o professor Dr. Antonio Carlos Monteiro de Miranda pelo telefone (44) 999063045.

Comunicamos que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa. A sua identificação não será divulgada e nem repassaremos os seus dados a qualquer outra pessoa. Para reduzir os riscos da violação das informações compartilhadas pelos participantes, o pesquisador fará o download dos registros e gravações e os salvará em uma memória externa para evitar que outras pessoas consigam ter acesso a esses materiais. Após o download, serão deletados todos os materiais coletados e armazenados nos ambientes virtuais. A nossa limitação em assegurar a total confidencialidade aos registros e gravações restringe-se ao acesso não autorizado de terceiros à memória externa em que serão salvas as entrevistas, o qual poderá ocorrer, eventualmente, por meio do furto ou roubo da memória externa. Ademais, os materiais coletados serão mantidos sob nossa guarda por um período mínimo de cinco anos após o término da pesquisa, sendo posteriormente descartados mediante a formatação da memória externa que eles estarão salvos.

Todos os cuidados e medidas de prevenção da Covid-19 serão tomados em conformidade com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária: uso de máscaras, distanciamento seguro, aplicação de álcool gel 70% antes e depois do uso e manuseio de qualquer material durante

as práticas e utilização de espaços abertos sempre que possível. Destaca-se que o pesquisador se encontra com o plano de imunização completo.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente assinada e entregue a você. Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pelo pesquisador e por você) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu, _____ aceito participar do trabalho.

Assinatura do estudante

Assinatura do pesquisador
Marcelo de Oliveira

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o coordenador e o pesquisador, conforme o contato abaixo:

1. Marcelo de Oliveira (pesquisador)
 1. Endereço: Rua Dr Francisco Beltrão, 910, Apto 104D, centro, CEP 87600-000, Nova Esperança- PR
 2. E-mail: pg403381@uem.br
 3. Telefone: 44 999763822
2. Antonio Carlos Monteiro de Miranda (coordenador)
 1. Endereço: Avenida Colombo, 5790, Bloco M05, Departamento de Educação Física, CEP 87.020-900, Maringá-PR
 2. E-mail: acmmiranda@uem.br
 3. Telefone: 44 999063045

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá UEM, no endereço abaixo:

3. COPEP/UEM
 1. Endereço: Avenida Colombo, 5790, UEM-PPG, Sala 4, CEP 87020-900. Maringá-PR
 2. E-mail: copep@uem.br
 3. Telefone: (44) 3011-4597